

Clássicos da Literatura Brasileira

Iracema

José de Alencar

Ilustrações:
Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Iracema

José de Alencar

Iracema

José de Alencar

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos Reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37 - Sala 3

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2012

Impresso no Brasil

Q3i Queiroz, Malthus, 1976-
Iracema / José de Alencar ; adaptação: Malthus
Queiroz ; ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife :
Prazer de Ler, 2013.
96p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.
Alencar, José de, 1842-1888. II. Schloesser, Eduardo, 1962-.
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 13-064

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-8168-191-7

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Iracema

Capítulo I

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde a jandaia canta nos galhos da carnaúba; verdes mares, que brilhaes como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, estendendo-se pelas praias brancas ensombradas de coqueiros; acalmai, verdes mares, e alisai docemente a onda violenta, para que o barco aventureiro manso deslize à flor das águas.

Aonde vai a afoita jangada, que deixa rápida a costa cearense, com a grande vela aberta ao fresco terral? Aonde vai como branca ave buscando o rochedo familiar nas solidões do oceano? Três entes respiram sobre a frágil madeira que vai navegando veloz, mar afora: um jovem guerreiro, cuja pele branca o sangue americano não cora, uma criança e um cão que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A ventania em intervalos traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das ondas:

— Iracema!



SCHLOSSER

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra; a espaços, o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre a armação da jangada, onde brincam as duas inocentes criaturas, companheiras de sua infelicidade.

Nesse momento o lábio arranca d'alma um azedo sorriso.

Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu prateando os campos, e a brisa fazia leves ruídos nos palmares.

Refresca o vento.

O barulho suave das ondas diminui. O barco salta sobre elas e desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares, e a ventania enverga, como o condor, as asas sobre o abismo. Deus te leve a salvo, corajoso e altivo barco, por entre as ondas revoltas, e te faça chegar a alguma enseada amiga. Soprem para ti as brisas; e para ti os mares se tornem coloridos pela boa sorte!

Enquanto navegas assim à discrição do vento, delicado barco, volta às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.

Capítulo II

Além, muito além daquela serra, que ainda escapa no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu corpo de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha cheirava no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da

Iracema

grande nação tabajara. O pé delicado e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, o sol a pino, ela repousava em um claro da floresta. Banhava seu corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre espalhavam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros afagavam o canto. Iracema saiu do banho; a gota d'água ainda a banha, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma, das penas do gará¹, as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa arara, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o cesto de palha colorida, onde a selvagem traz seus perfumes, os alvos fios do crautá², as agulhas da palmeira com que tece a renda, e as tintas de que pinta o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia do descanso. A virgem ergue os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Desconhecidas armas e tecidos desconhecidos cobrem seu corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha cravada no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro impulso, a mão ágil caiu sobre a cruz da espada, mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba³ e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira estancou mais rápida e compas-

¹ Ave paludal; o mesmo que *guará*.

² Tipo de árvore.

³ Segundo José de Alencar, *flecha*. Alguns estudiosos rejeitam esse significado.

siva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

— Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

Capítulo III

O estrangeiro seguiu a virgem através da floresta.

Quando o sol caía sobre a crista dos montes, e a ave desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, eles descobriram no vale a grande aldeia; e mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos juazeiros, a cabana do pajé.

O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O suave sopro da brisa envolvia, como flocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos fundos e nas rugas profundas. O pajé avistou os dois vultos que avançavam; achou ver a sombra de uma árvore solitária que vinha alongando-se pelo vale afora.

Quando os viajantes entraram na densa penumbra do bosque, então seu olhar como o do tigre, acostumado às trevas, reconheceu Iracema e viu que a seguia um jovem guerreiro, de



estranha raça e longes terras.

As tribos tabajaras, provenientes da Ibiapaba, falavam de uma nova raça de guerreiros, brancos como flores de borrasca, e vindos de região distante às margens do Mearim⁴. O ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante, aquele que pisava os campos nativos.

Tranquilo, esperou.

A virgem aponta para o estrangeiro e diz:

— Ele veio, pai.

— Veio bem. É Tupã que traz o hóspede à cabana de Araquém.

Assim dizendo, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram ambos na cabana. O jovem sentou-se na rede principal, suspensa no centro da habitação.

Iracema acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia para satisfazer a fome e a sede; trouxe o resto da caça, a farinha-d'água, os frutos silvestres, os favos de mel, o vinho de caju e ananás.

Depois a virgem entrou com a igaçaba⁵, que na fonte próxima enchera de água fresca para lavar o rosto e as mãos do estrangeiro.

Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho pajé apagou o cachimbo e falou:

— Vieste?

— Vim, respondeu o desconhecido.

— Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão.

— Pajé, eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer, deixarei tua cabana e teus campos aonde vim perdido; mas não devo deixá-los sem te dizer quem é o guerreiro, que fizeste amigo.

— Foi a Tupã que o Pajé serviu; ele te trouxe, ele te levará. Araquém nada fez pelo seu hóspede; não pergunta donde vem e quando vai. Se queres dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, teu hóspede escuta.

O estrangeiro disse:

— Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a aldeia

⁴ Rio brasileiro situado no Maranhão.

⁵ Recipiente de barro usado para guardar líquidos.



nas margens do Jaguaribe⁶, perto do mar, onde habitam os pitiguaras, inimigos de tua nação. Meu nome é Martim, que na tua língua quer dizer *filho de guerreiro*; meu sangue é o do grande povo que primeiro viu as terras de tua pátria. Já meus destroçados companheiros voltaram por mar às margens do Paraíba⁷, de onde vieram; e o chefe, desamparado dos seus, atravessa agora os vastos sertões do Apodi⁸. Só eu fiquei, porque estava entre os pitiguaras de Acaraú, na cabana do bravo Poti, irmão de Jacaúna, que plantou comigo a árvore da amizade. Há três sóis partimos para a caça; e, perdido dos meus, vim aos campos dos tabajaras.

— Foi algum mau espírito da floresta que cegou o guerreiro branco no escuro da mata, respondeu o ancião.

A cauã⁹ piou, além, na extrema do vale. Caía a noite.

Capítulo IV

O pajé vibrou o chocalho e saiu da cabana, porém o estrangeiro não ficou só.

Iracema voltara com as mulheres chamadas para servir o hóspede de Araquém, e os guerreiros vindos para lhe obedecer.

— Guerreiro branco, disse a virgem, o prazer embale tua rede durante a noite; e o sol traga luz a teus olhos, alegria à tua alma.

E, assim dizendo, Iracema tinha o lábio trêmulo, e a pálpebra úmida.

— Tu me deixas?, perguntou Martim.

— As mais belas mulheres da grande aldeia ficam contigo.

⁶ Rio no Ceará que dá nome a uma cidade.

⁷ Rio Paraíba, situado no estado de mesmo nome.

⁸ Região do Apodi, no Rio Grande do Norte.

⁹ Ave da família dos falconídeos.

Iracema

— Para elas, a filha de Araquém não devia ter conduzido o hóspede à cabana do pajé.

— Estrangeiro, Iracema não pode ser tua serva. É ela que guarda o segredo da jurema¹⁰ e o mistério do sonho. Sua mão fabrica para o pajé a bebida de Tupã.

O guerreiro cristão atravessou a cabana e sumiu-se na treva.

A grande aldeia erguia-se no fundo do vale, iluminada pelos fachos da alegria. Rugia o chocalho; ao ritmo lento do canto selvagem, a dança batia em torno à rude cadência. O pajé inspirado conduzia o sagrado festejo e dizia ao povo crente os segredos de Tupã.

O maior chefe da nação tabajara, Irapuã, descera do alto da serra Ibiapaba, para levar as tribos do sertão contra o inimigo pitiguara. Os guerreiros do vale festejam a vinda do chefe e o próximo combate.

O jovem cristão viu longe o clarão da festa; passou além e olhou o céu azul sem nuvens. A estrela morta que então brilhava sobre a cúpula da floresta guiou seu passo firme para as frescas margens do rio Acaraú.

Quando ele atravessou o vale e ia penetrar na mata, o vulto de Iracema surgiu. A virgem seguiu o estrangeiro como a brisa sutil que toca sem causar ruído por entre a ramagem.

— Por que, disse ela, o estrangeiro abandona a cabana hospedeira sem levar o presente da volta? Quem fez mal ao guerreiro branco na terra dos tabajaras?

O cristão sentiu quanto era justa a queixa; e achou-se ingrato.

— Ninguém fez mal ao teu hóspede, filha de Araquém. Era o desejo de ver seus amigos que o afastava dos campos dos tabajaras. Não levava o presente da volta; mas leva em sua alma a lembrança de Iracema.

— Se a lembrança de Iracema estivesse n'alma do estrangeiro, ela não o deixaria partir. O vento não leva a areia da várzea, quando a areia bebe a água da chuva.

A virgem suspirou:

— Guerreiro branco, espera que Caubi volte da caça. O

¹⁰ *Jurema* é uma bebida sagrada usada em rituais religiosos. Iracema era responsável por prepará-la.

irmão de Iracema tem o ouvido sutil que pressente a boicininga¹¹ entre os rumores da mata; e o olhar do oitibó¹² que vê melhor nas trevas. Ele te guiará às margens do rio das garças.

— Quanto tempo se passará antes que o irmão de Iracema esteja de volta na cabana de Araquém?

— O sol, que vai nascer, tornará com o guerreiro Caubi aos campos do Ipu.

— Teu hóspede espera, filha de Araquém; mas se o sol tornando não trouxer o irmão de Iracema, ele levará o guerreiro branco à aldeia dos pitiguaras.

Martim voltou à cabana do pajé.

A alva rede, que Iracema perfumara com a resina do beijoim, guardava um sono calmo e doce para o guerreiro.

O cristão adormeceu ouvindo suspirar entre os murmúrios da floresta o canto suave da virgem indiana.

Capítulo V

O galo-da-campina ergue a poupa vermelha fora do ninho. Seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Ainda a sombra cobre a terra. Já o povo selvagem colhe as redes na grande aldeia e caminha para o banho. O velho pajé, que ficou acordado toda a noite, falando às estrelas, conjurando os maus espíritos das trevas, entra furtivamente na cabana.

Eis que soa o boré¹³ pela amplidão do vale.

Travam das armas os rápidos guerreiros e correm ao campo. Quando foram todos na vasta ocara¹⁴ circular, Irapuã, o

¹¹ Cascavel.

¹² Ave de hábitos noturnos.

¹³ Espécie de trombeta indígena.

¹⁴ Praça dentro da aldeia indígena.

Iracema

chefe, soltou o grito de guerra:

— Tupã deu à grande nação tabajara toda esta terra. Nós guardamos as serras, onde manam os córregos, com os frescos ipus onde cresce a mandioca e o algodão; e abandonamos ao bárbaro potiguara, comedor de camarão, as areias nuas do mar, com os secos tabuleiros sem água e sem florestas. Agora os pescadores da praia, sempre vencidos, deixam vir pelo mar a raça branca dos guerreiros de fogo, inimigos de Tupã. Já os emboabas estiveram no Jaguaribe; logo estarão em nossos campos; e com eles os potiguaras. Faremos nós, senhores das aldeias, como a pomba, que se encolhe em seu ninho, quando a serpente enrosca pelos galhos?

O irado chefe agita o tacape¹⁵ e o arremessa no meio do campo. Derrubando a frente, cobre o rubro olhar:

— Irapuã falou; disse.

O mais moço dos guerreiros avança:

— O gavião paira nos ares. Quando o nambu¹⁶ levanta, ele cai das nuvens e rasga as entranhas da vítima. O guerreiro tabajara, filho da serra, é como o gavião.

Soa e ressoa o grito da guerra.

O jovem guerreiro erguera o tacape; e por sua vez o agitou. Girando no ar, rápida e ameaçadora, a arma do chefe passou de mão em mão.

O velho Andira, irmão do pajé, a deixou cair e a espremeu no chão, com o pé ágil ainda e firme. O povo tabajara fica pasmo com a ação. Voto de paz em tão provado e impetuoso guerreiro! E o velho herói, que cresceu na fúria, crescendo nos anos, é o feroz Andira quem derrubou o tacape, mensageiro da próxima luta?

Incertos e mudos todos escutam:

— Andira, o velho Andira, bebeu mais sangue na guerra do que já beberam cauim¹⁷, nas festas de Tupã, todos os guerreiros que a luz de seus olhos alumia agora. Ele viu mais combates em sua vida que luas despiram sua frente. Quanto crânio de potiguara dissecou sua mão implacável, antes que o tempo arrancasse seu primeiro cabelo? E o velho Andira nunca temeu que o inimigo pisasse a terra de seus pais; mas alegrava-se quando ele vinha, e sentia com o faro da guerra a juventude renascer

¹⁵ Arma indígena de ataque.

¹⁶ Inhambu, tipo de ave.

¹⁷ Bebida feita de mandioca.

no corpo velho, como a árvore seca renasce com o sopro do inverno. A nação tabajara é prudente. Ela deve encostar o tacape da luta para ranger o membi¹⁸ da festa. Celebra, Irapuã, a vinda dos emboabas e deixa que cheguem todos aos nossos campos. Então Andira te promete o banquete da vitória!

Expressiu, enfim, Irapuã a funda cólera:

— Fica tu, escondido entre as igaçabas¹⁹ de vinho, fica, velho morcego, porque temes a luz do dia e só bebes o sangue da vítima que dorme. Irapuã leva a guerra no punho de seu tacape. O terror que ele inspira voa com o rouco som do boré. O potiguara já tremeu ouvindo rugir na serra, mais forte que o estrondo do mar.

Capítulo VI

Martim vai devagar por entre os altos juazeiros que cercam a cabana do pajé.

Era o tempo em que o doce vento chega do mar e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão. A planta respira; um suave arrepio agita a verde folhagem da floresta.

O cristão contempla o pôr do sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o vale, penetra sua alma. Lembra-se do lugar onde nasceu, dos entes queridos que ali deixou. Sabe ele se tornará a vê-los algum dia?

Em torno, a natureza lamenta o dia que acaba. Soluça a onda vibrante e lacrimosa; geme a brisa na folhagem; o mesmo silêncio o envolve aflito.

Iracema parou em face do jovem guerreiro:

— É a presença de Iracema que perturba a serenidade no rosto do estrangeiro?

Martim pousou doces olhos na face da virgem:

¹⁸ Flauta.

¹⁹ Recipiente grande usado, geralmente, para armazenar líquidos e farináceos.



SCHLOSSER

— Não, filha de Araquém; tua presença alegre, como a luz da manhã. Foi a lembrança da pátria que trouxe a saudade ao coração que presente.

— Uma noiva te espera?

O forasteiro desviou os olhos. Iracema dobrou a cabeça sobre o ombro, como a delicada palma da carnaúba, quando peneira a chuva na várzea.

— Ela não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel, nem mais formosa!, murmurou o estrangeiro.

— A flor da mata é formosa quando tem rama que a abrigue e tronco onde se enlace. Iracema não vive n'alma de um guerreiro; nunca sentiu a frescura do seu sorriso.

Ficam ambos mudos, com os olhos no chão, escutando a palpação dos seios que batiam aflitos.

A virgem falou enfim:

— A alegria voltará logo à alma do guerreiro branco; porque Iracema quer que ele veja antes da noite a noiva que o espera.

Martim sorriu do ingênuo desejo da filha do pajé.

— Vem!, disse a virgem.

Atravessaram o bosque e desceram ao vale. Onde acabava a base da colina, o arvoredado era espesso; densa abóbada de folhagem verde-negra cobria o recanto agreste, reservado aos mistérios do rito bárbaro. Era de jurema²⁰ o bosque sagrado. Em torno corriam os troncos rugosos da árvore de Tupã; dos galhos pendiam ocultos pela rama escura os vasos do sacrifício; enchiam o chão as cinzas de extinto fogo, que servira à festa da última lua.

Antes de penetrar o escondido sítio, a virgem, que conduzia o guerreiro pela mão, hesitou, inclinando o ouvido sutil aos suspiros da brisa. Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão. Nada havia porém de suspeito no intenso respiro da floresta. Iracema fez ao estrangeiro um gesto de espera e silêncio; logo depois desapareceu no mais sombrio do bosque. O sol ainda pairava suspenso em cima da serrania; e já noite profunda enchia aquela solidão.

Quando a virgem voltou, trazia numa folha gotas de licor verde e estranho vazadas da igaçaba, que ela tirara do seio da terra. Apresentou ao guerreiro a taça agreste:

— Bebe!

²⁰ Árvore nativa do Brasil.

Iracema

Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte; porém logo a luz inundou seus seios d'alma; a força se manifestou em seu coração. Reviveu os dias passados melhor do que os tinha vivido; desfrutou a realidade de suas mais belas esperanças.

Eis que ele volta à terra natal, abraça a velha mãe, revê mais lindo e terno o anjo puro dos amores infantis.

Mas por que, mal de volta ao berço da pátria, o jovem guerreiro de novo deixa o teto paterno e parte para o sertão?

Já atravessa as florestas; já chega aos campos do Ipu. Busca na selva a filha do pajé. Segue o rastro ligeiro da virgem arisca, soltando à brisa com o **frequente** suspiro o doce nome:

— Iracema! Iracema!...

Já a alcança e a envolve pelo corpo esbelto.

Cedendo à meiga pressão, a virgem reclinou-se ao peito do guerreiro e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz²¹, quando o terno companheiro arrepia com o bico para ela a macia penugem.

O lábio do guerreiro suspirou mais uma vez o doce nome e soluçou, como se chamasse outro lábio amante. Iracema sentiu que sua alma se escapava para embeber-se no beijo ardente. A fronte reclinara, e a flor do sorriso brotou. Súbito a virgem tremeu; soltando-se rápida do braço que a envolvia, armou o arco.

Capítulo VII

Iracema passou entre as árvores, silenciosa como uma sombra; seu olhar cintilante coava entre as folhas, qual frouxo raio de estrelas; ela escutava o silêncio profundo da noite e aspirava as coisas sutis que despertavam. Parou. Uma sombra deslizava entre as ramas; e nas folhas estalava um passo ligeiro, se não era o roer de algum inseto. Pouco a pouco o tênue rumor foi

²¹ Ave da família dos tinamídeos.

crescendo e a sombra aumentou.

Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em face dele, trêmula de susto e mais de cólera.

— Iracema!, exclamou o guerreiro recuando.

— Anhangá²² perturbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde nenhum guerreiro penetra contra a vontade de Araquém.

— Não foi Anhangá, mas a lembrança de Iracema, que perturbou o sono do primeiro guerreiro tabajara. Irapuã desceu do seu ninho de águia para seguir na várzea a garça do rio. Chegou, e Iracema fugiu de seus olhos. As vozes da aldeia contaram ao ouvido do chefe que um estrangeiro era vindo à cabana de Araquém.

A virgem estremeceu. O guerreiro cravou nela o olhar abrasado:

— O coração aqui no peito de Irapuã ficou tigre. Pulou de raiva. Veio farejando a presa. O estrangeiro está no bosque, e Iracema o acompanhava. Quero beber seu sangue todo; quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe tabajara, talvez o ame a filha de Araquém.

A pupila negra da virgem cintilou na treva, e de seu lábio borbulhou, como gotas do leite cáustico de eufórbia²³, um sorriso de desprezo:

— Nunca Iracema daria seu seio, que o espírito de Tupã habita só, ao guerreiro mais vil dos guerreiros tabajaras! Imoral é o morcego porque foge da luz e bebe o sangue da vítima adormecida!

— Filha de Araquém, não irrita a onça! O nome de Irapuã voa mais longe que o pato do lago, quando sente a chuva além das serras. Que o guerreiro branco venha, e o seio de Iracema se abra para o vencedor.

— O guerreiro branco é hóspede de Araquém. A paz o trouxe aos campos de Ipu, a paz o guarda. Quem ofender o estrangeiro, ofende o pajé.

Rugiu de fúria o chefe tabajara:

— A raiva de Irapuã só ouve agora o grito de vingança. O estrangeiro vai morrer.

— A filha de Araquém é mais forte que o chefe dos guer-

²² Espírito mau.

²³ Espécie de árvore.

Iracema

reiros, disse Iracema travando da inúbia²⁴. Ela tem aqui a voz de Tupã, que chama seu povo.

— Mas não chamará!, respondeu o chefe com desprezo.

— Não, porque Irapuã vai ser punido pela mão de Iracema. Seu primeiro passo é o passo da morte.

A virgem retraiu dum salto o avanço que tomara e vibrou o arco. O chefe cerrou ainda o punho do formidável tacape; mas pela vez primeira sentiu que pesava ao braço robusto. O golpe que devia ferir Iracema, ainda não alçado, já atravessava, a ele próprio, seu coração. Reconheceu quão o forte varão é, pela sua mesma fortaleza, mais cativo das grandes paixões.

— A sombra de Iracema não esconderá sempre o estrangeiro à vingança de Irapuã. Desprezível é o guerreiro que se deixa proteger por uma mulher.

Dizendo estas palavras, o chefe desapareceu entre as árvores.

A virgem sempre alerta voltou para o cristão adormecido; e velou o resto da noite a seu lado. As emoções recentes, que agitaram sua alma, a abriram ainda mais à doce afeição, que iam filtrando nela os olhos do estrangeiro.

Desejava abrigá-lo contra todo o perigo, recolhê-lo em si como em um asilo impenetrável. Acompanhando o pensamento, seus braços envolviam a cabeça do guerreiro e a apertavam contra o seio.

Mas, quando passou a alegria de o ver salvo dos perigos da noite, entrou-a mais viva inquietação, com a lembrança dos novos perigos que iam surgir.

— O amor de Iracema é como o vento dos areais; mata a flor das árvores, suspirou a virgem.

E afastou-se lentamente.

²⁴ Trombeta de guerra.



SCHLESSEER

Capítulo VIII

A alvorada abriu o dia e os olhos do guerreiro branco. A luz da manhã dissipou os sonhos da noite e arrancou de sua alma a lembrança do que sonhara. Ficou apenas um vago sentir, como fica na moita o perfume da flor que o vento da serra desfolha na madrugada.

Não sabia onde estava.

À saída do bosque sagrado encontrou Iracema; a virgem reclinava num tronco áspero do arvoredor; tinha os olhos no chão; o sangue fugira das faces; o coração tremia nos lábios, como gota de orvalho nas folhas do bambu.

Não tinha sorrisos, nem cores, a virgem indiana; não tem broto nem rosas a acácia que o sol queimou; não tem azul, nem estrelas, a noite que os ventos enlutam²⁵.

— As flores da mata já abriram aos raios do sol; as aves já cantaram, disse o guerreiro. Por que só Iracema curva a fronte e fica muda?

A filha do pajé estremeceu. Assim estremece a verde palma, quando a haste frágil foi abalada; orvalham no cristal as lágrimas da chuva, e os leques murmuram brandamente.

— O guerreiro Caubi vai chegar à aldeia de seus irmãos. O estrangeiro poderá partir com o sol que vem nascendo.

— Iracema quer ver o estrangeiro fora dos campos dos tabajaras; então a alegria voltará a seu seio.

— A juruti, quando a árvore seca, foge do ninho em que nasceu. Nunca mais a alegria voltará ao seio de Iracema; ela vai ficar, como o tronco nu, sem ramos nem sombras.

Martim amparou o corpo trêmulo da virgem; ela reclinou doce sobre o peito do guerreiro, como o delicado ramo da baulilha que enlaça o duro galho do angico.

O jovem murmurou:

— Teu hóspede fica, virgem dos olhos negros; ele fica para ver abrir em tuas faces a flor da alegria, e para sugar, como o beija-flor, o mel de teus lábios.

Iracema soltou-se dos braços do jovem e olhou-o com tristeza:

²⁵ Cobrir(-se) de luto.

— Guerreiro branco, Iracema é filha do pajé e guarda o segredo da jurema. O guerreiro que possuísse a virgem de Tupã morreria.

— E Iracema?

— Pois tu morrias!...

Esta palavra foi como um sopro de tormenta. A cabeça do jovem caiu e pendeu sobre o peito; mas logo se ergueu.

— Os guerreiros de meu sangue trazem a morte consigo, filha dos tabajaras. Não a temem para si, não a poupam para o inimigo. Mas nunca fora do combate eles deixarão aberto o camucim²⁶ da virgem na taba de seu hóspede. A verdade falou pela boca de Iracema. O estrangeiro deve abandonar os campos dos tabajaras.

— Deve, respondeu a virgem como um eco.

Depois a sua voz suspirou:

— O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da andiroba: tem na doçura o veneno. A virgem dos olhos azuis e dos cabelos do sol guarda para seu guerreiro na aldeia dos brancos o mel da açucena.

Martim afastou-se rápido; mas voltou lentamente. A palavra tremia em seu lábio:

— O estrangeiro partirá para que o sossego volte ao seio da virgem.

— Tu levas a luz dos olhos de Iracema e a flor de sua alma.

Ressoa longe na selva um clamor estranho. Os olhos do jovem alongam-se.

— É o grito de alegria do guerreiro Caubi, disse a virgem. O irmão de Iracema anuncia que é chegado aos campos dos tabajaras.

— Filha de Araquém, guia teu hóspede à cabana. É tempo de partir.

Eles caminharam lado a lado, como dois jovens cervos que ao pôr do sol atravessam a capoeira recolhendo-se ao curral de onde a brisa traz a eles um faro suspeito.

Quando chegavam perto dos juazeiros, viram que passava além o guerreiro Caubi, vergando os ombros robustos ao peso da caça. Iracema caminhou para ele.

O estrangeiro entrou só na cabana.

²⁶ Vaso onde alguns indígenas enterravam seus mortos.

Capítulo IX

O sono da manhã pousava nos olhos do pajé como névoas de bonança pairam ao romper do dia sobre as profundas cavernas da montanha. Martim parou indeciso; mas o rumor de seu passo penetrou no ouvido do ancião e abalou seu corpo velho.

— Araquém dorme!, murmurou o guerreiro devolvendo o passo.

O velho ficou imóvel:

— O pajé dorme porque já Tupã voltou o rosto para a terra e a luz correu os maus espíritos da treva. Mas o sono é leve nos olhos de Araquém, como o fumo do sapé no alto da serra. Se o estrangeiro veio para o pajé, fale; seu ouvido escuta.

— O estrangeiro veio para te anunciar que parte.

— O hóspede é senhor na cabana de Araquém; todos os caminhos estão abertos para ele. Tupã o leve à aldeia dos seus.

Vieram Caubi e Iracema:

— Caubi voltou, disse o guerreiro tabajara. Traz a Araquém o melhor de sua caça.

— O guerreiro Caubi é um grande caçador de montes e florestas. Os olhos de seu pai gostam de vê-lo.

O velho abriu as pálpebras e fechou-as logo:

— Filha de Araquém, escolhe para teu hóspede o presente da volta e prepara-o para a viagem. Se o estrangeiro precisa de guia, o guerreiro Caubi, senhor do caminho, o acompanhará.

O sono voltou aos olhos do pajé.

Enquanto Caubi pendurava no fumeiro as peças de caça, Iracema colheu a sua alva rede de algodão com franjas de penas e acomodou-a dentro do cesto de palha trançada.

Martim esperava na porta da cabana. A virgem veio a ele:
— Guerreiro, que levas o sono de meus olhos, leva a minha rede também. Quando nela dormires, falem em tua alma os sonhos de Iracema.

— Tua rede, virgem dos tabajaras, será minha companheira no deserto; venha embora o vento frio da noite, ela guardará para o estrangeiro o calor e o perfume do seio de Iracema.

Caubi saiu para ir à sua cabana, que ainda não tinha visto depois da volta. Iracema foi preparar o provimento da viagem. Ficaram sós na cabana o pajé, que ressonava, e o jovem com sua tristeza. O sol, passando no alto, já começava a declinar para o ocidente, quando o irmão de Iracema tornou da grande aldeia.

— O dia vai ficar triste, disse Caubi. A sombra caminha para a noite. É tempo de partir.

A virgem pousou a mão de leve no punho da rede de Araquém.

— Ele vai!, murmuraram os lábios trêmulos.

O pajé levantou-se em pé no meio da cabana e acendeu o cachimbo. Ele e o jovem trocaram a fumaça da despedida.

— Bem-ido seja o hóspede, como foi bem-vindo à cabana de Araquém.

O velho andou até a porta para soltar ao vento uma espessa baforada de tabaco; quando o fumo se dissipou no ar, ele murmurou:

— Jurupari se esconda para deixar passar o hóspede do pajé.

Araquém voltou à rede e dormiu de novo. O jovem tomou as armas que, chegando, suspendera nas varas da cabana, e dispôs-se a partir. Adiante seguiu Caubi; a alguma distância, o estrangeiro; logo após, Iracema.

Desceram a colina e entraram na mata sombria. O **sabiá-do-sertão**, agradável cantor da tarde, escondido nas moitas espessas da ubaia, soltava os primeiros tons do suave canto.

A virgem suspirou:

— A tarde é a tristeza do sol. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ela a grande noite.

O jovem se voltara. Seu lábio emudeceu, mas os olhos falaram. Uma lágrima correu pela face guerreira, como as umidades que durante os ardores do estio saem da escarpa dos rochedos.

Iracema

Caubi, avançando sempre, sumira-se entre a densa ramagem.

O seio da filha de Araquém arfou, como o bater da onda que tem franja de espuma e soluça. Mas sua alma, negra de tristeza, teve ainda um pálido reflexo para iluminar a seca flor das faces. Assim na noite escura vem um fogo-fátuo luzir nas brancas areias do tabuleiro.

— Estrangeiro, toma o último sorriso de Iracema... e foge!

A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem. Ficaram ambos assim unidos como dois frutos gêmeos do araçá, que saíram do seio da mesma flor.

A voz de Caubi chamou o estrangeiro. Iracema abraçou, para não cair, o tronco de uma palmeira.

Capítulo X

Na cabana silenciosa, medita o velho pajé.

Iracema está apoiada no tronco áspero, que serve de apoio. Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta e rasos de pranto, estão naqueles olhares longos e trêmulos enfiando e desfiando as lágrimas, que banham as faces.

A arara, pousada em uma madeira defronte, alonga para sua bela senhora os verdes tristes olhos. Desde que o guerreiro branco pisou a terra dos tabajaras, Iracema a esqueceu. Os róseos lábios da virgem não se abriram mais para que ela colhesse entre eles a polpa da fruta ou a papa do milho verde; nem a doce mão a afagara uma só vez, alisando a dourada penugem da cabeça. Se repetia o agradável nome da senhora, o sorriso de Iracema já não se voltava para ela, nem o ouvido parecia escutar a voz da companheira e amiga, que dantes tão suave era ao seu coração.

Triste dela! A gente tupi a chamava *jandaia*, porque sempre

alegre vibrava pelos campos com seu canto alegre. Mas agora, triste e muda, desdenhada de sua senhora, não parecia mais a linda jandaia, e sim o feio urutau que somente sabe gemer.

O sol tocou o outro lado das serras; seus raios douravam apenas o alto das elevações.

O sussurro melancólico da tarde, precedendo o silêncio da noite, começava a velar os rumores do campo. Uma ave noturna, talvez iludida com a sombra mais espessa do bosque, soltou o som agudo.

O velho ergueu a fronte calva:

— Foi o canto da inhuma que acordou o ouvido de Araquém?, disse ele admirado.

A virgem estremeceu e, já fora da cabana, voltou-se para responder à pergunta do pajé:

— É o grito de guerra do guerreiro Caubi!

Quando o segundo pio da inhuma ressoou, Iracema corria na mata como a corça perseguida pelo caçador. Só respirou chegando à campina, que recortava o bosque, como um grande lago.

Quem seus olhos primeiro viram, Martim, estava **tranquilamente** sentado em uma raiz, olhando o que passava ali. Contra, cem guerreiros tabajaras, com Irapuã à frente, formavam arco. O bravo Caubi os afrontava a todos, com o olhar cheio de ira e as armas valentes empunhadas na mão robusta.

O chefe exigira a entrega do estrangeiro, e o guia respondera simplesmente:

— Matai Caubi antes.

A filha do pajé passara como uma flecha; já está diante de Martim, opondo também seu corpo aos golpes dos guerreiros. Irapuã soltou o bramido da onça atacada na gruta.

— Filha do pajé, disse Caubi em voz baixa, conduz o estrangeiro à cabana; só Araquém pode salvá-lo.

Iracema voltou-se para o guerreiro branco:

— Vem!

Ele ficou imóvel.

— Se tu não vens, disse a virgem, Iracema morrerá contigo.

Martim ergueu-se; mas, longe de seguir a virgem, caminhou para Irapuã. Sua espada flamejou no ar.

— Os guerreiros de meu sangue, chefe, jamais recusaram combate. Se aquele que tu vês não foi o primeiro a provocá-lo,



SCHLESSEER

é porque seus pais lhe ensinaram a não derramar sangue na terra hospedeira.

O chefe tabajara rugiu de alegria; sua mão forte agitou o tacape. Mas os dois campeões mal tiveram tempo de medir-se com os olhos; quando iam ao primeiro golpe, já Caubi e Iracema estavam entre eles.

A filha de Araquém em vão pedia ao cristão, em vão o segurava nos braços buscando arrancá-lo ao combate. De seu lado Caubi em vão provocava Irapuã para atrair a si a raiva do chefe.

A um gesto de Irapuã, os guerreiros afastaram os dois irmãos; o combate prosseguiu.

De repente o rouco som da inúbia soou pela mata; os filhos da serra estremeceram reconhecendo o agudo do búzio²⁷ guerreiro dos pitiguaras, senhores das praias ensombradas de coqueiros. O eco vinha da grande aldeia, que o inimigo talvez assaltava já.

Os guerreiros correram levando por diante o chefe. Com o estrangeiro só ficou a filha de Araquém.

Capítulo XI

Os guerreiros tabajaras, refugiados na aldeia, esperavam o inimigo diante da caiçara²⁸. Não vindo ele, saíram a buscá-lo.

Bateram as matas e percorreram os campos; nem vestígios encontraram da passagem dos pitiguaras; mas o conhecido ruído do búzio das praias tinha ressoado ao ouvido dos guerreiros da montanha; não havia dúvida.

Suspeitou Irapuã que fosse uma cilada da filha de Araquém para salvar o estrangeiro, e caminhou à cabana do pajé. Como anda rápido o guará pela orla da mata, quando vai seguindo o

²⁷ Concha utilizada como instrumento de sopro.

²⁸ Paliçada em torno de aldeia indígena, para proteção contra inimigos ou animais.

Iracema

rastro da presa, assim aumentava o passo o temível guerreiro.

Araquém viu entrar em sua cabana o grande chefe da nação tabajara e não se moveu. Sentado na rede, com as pernas cruzadas, escutava Iracema. A virgem falava dos fatos da tarde; avistando a figura sinistra de Irapuã, saltou sobre o arco e **uniu-se** ao lado do jovem guerreiro branco.

Martim a afastou docemente de si e avançou o passo.

A proteção, de que o cercava, a ele guerreiro, a virgem tabajara, o desgostava.

— Araquém, a vingança dos tabajaras espera o guerreiro branco; Irapuã veio buscá-lo.

— O hóspede é amigo de Tupã; quem ofender o estrangeiro, ouvirá rugir o trovão.

— O estrangeiro foi quem ofendeu a Tupã, roubando sua virgem, que guarda os sonhos da jurema.

— Tua boca mente como o ronco da **jiboia**, exclamou Iracema.

Martim disse:

— Irapuã é desprezível e indigno de ser chefe de guerreiros valentes!

O pajé falou sério e lento:

— Se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de seu corpo, ela morrerá; mas o hóspede de Tupã é sagrado; ninguém o ofenderá; Araquém o protege.

Gritou Irapuã; o grito rouco troou nas arcas do peito²⁹, como o movimento da sucuri na profundidade do rio.

— A raiva de Irapuã não pode mais te ouvir, velho pajé! Caia ela sobre ti, se ousares tirar o estrangeiro à vingança dos tabajaras.

O velho Andira, irmão do pajé, entrou na cabana; trazia no punho o terrível tacape; e nos olhos uma fúria ainda mais terrível.

— O morcego vem te chupar o sangue, Irapuã, se é que tens sangue e não lama nas veias, tu que ameaças em sua cabana o velho pajé.

Araquém afastou o irmão:

— Paz e silêncio, Andira.

O pajé desenvolvera a alta e magra estatura, como a ser-

²⁹ *Arcas do peito: tórax.*

penete assanhada, que se arma sobre a cauda para afrontar a vítima. Afundaram as rugas; e, repuxando as peles engelhadas, esbugalharam os dentes alvos e afilados:

— Ousa um passo mais, e as iras de Tupã te esmagarão sob o peso desta mão seca e mirrada!

— Neste momento, Tupã não é contigo!, replicou o chefe.

O pajé riu; e seu riso sinistro soou pelo espaço como o ronco da ariranha³⁰.

— Ouve seu trovão e treme em teu seio, guerreiro, como a terra em sua profundidade.

Araquém, proferindo essa palavra terrível, avançou até o meio da cabana; ali ergueu a grande pedra e calçou o pé com força no chão; súbito, abriu-se a terra. Do antro profundo saiu um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo.

Irapuã não tremeu, nem enfiou de susto; mas sentiu estremecer a luz nos olhos, e a voz nos lábios.

— O senhor do trovão é por ti; o senhor da guerra será por Irapuã, disse o chefe.

O terrível guerreiro deixou a cabana; com pouco seu grande vulto mergulhou nas sombras do crepúsculo.

Ainda surpreso do que vira, Martim não tirava os olhos da funda cova, que a planta do velho pajé abrira no chão da cabana. Um surdo rumor, como o eco das ondas quebrando nas praias, fazia ruído ali.

Cismava o guerreiro cristão; ele não podia crer que o deus dos tabajaras desse a seu sacerdote tamanho poder.

Percebendo o que passava n'alma do estrangeiro, Araquém acendeu o cachimbo e pegou o maracá:

— É tempo de acalmar as iras de Tupã e calar a voz do trovão.

Disse e partiu da cabana.

Iracema aproximou-se então do jovem; sorria, os olhos em alegria:

— O coração de Iracema está como o abati d'água do rio. Ninguém fará mal ao guerreiro branco na cabana de Araquém.

— Foge do inimigo, virgem dos tabajaras; respondeu o estrangeiro com voz áspera.

³⁰ Manífero carnívoro, diurno e semiaquático.

Iracema

Voltando brusco para o lado oposto, privou o semblante dos olhos ternos e queixosos da virgem.

— Que fez Iracema, para que o guerreiro branco desvie seus olhos, como se ela fora o verme da terra?

As falas da virgem ressoaram docemente no coração de Martim. Assim ressoam os murmúrios da aragem nas folhas da palmeira. Teve o jovem desgosto de si e pena dela:

— Não ouves tu, virgem formosa?, exclamou ele, apontando para o buraco.

— É a voz de Tupã!

— Teu deus falou pela boca do pajé: “Se a virgem de Tupã abandonar ao estrangeiro a flor de seu corpo, ela morrerá!”.

Iracema pendeu a fronte abatida:

— Não é a voz de Tupã que ouve teu coração, guerreiro de longes terras, é o canto da virgem loura, que te chama!

O rumor estranho que saía das profundezas da terra apagou-se de repente; fez-se na cabana tão grande silêncio que se ouvia pulsar o sangue na artéria do guerreiro e tremer o suspiro no lábio da virgem.

Capítulo XII

O dia enegreceu; era noite já.

O pajé tornara à cabana; equilibrando de novo a grossa pedra, fechou com ela a boca do buraco. Caubi chegara também da grande taba, onde, com seus irmãos guerreiros, se recolhera depois que bateram a floresta, em busca do inimigo pitiguara.

No meio da cabana, entre as redes armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira da carnaúba, e sobre ela serviu os restos da caça e a provisão de vinhos da última lua. Só o guerreiro tabajara achou sabor na ceia, porque o fel do coração que a tristeza espreme não tinha amargado seu lábio.

O pajé enchia o cachimbo da erva de Tupã; o estrangeiro respirava o ar puro da noite para refrescar o sangue efervescente, a virgem destilava sua alma como o mel de um favo nos frequentes

soluços que estalavam entre seus lábios trêmulos.

Já partiu Caubi para a grande taba; o Pajé traga as baforadas do fumo, que prepara o mistério do rito sagrado.

Levanta-se no sono da noite um grito vibrante, que remonta ao céu.

Ergue Martim a fronte e inclina o ouvido. Outro clamor semelhante ressoa. O guerreiro murmura, que o ouça a virgem e só ela:

— Escutou, Iracema, cantar a gaivota?

— Iracema escutou o grito de uma ave que ela não conhece.

— É a atiati, a garça do mar, e tu és a virgem da serra, que nunca desceu às alvas praias onde arrebentam as ondas.

— As praias são dos pitiguaras, senhores das palmeiras.

Os guerreiros da grande nação que habitava as bordas do mar se chamavam a si mesmos pitiguaras, senhores dos vales; mas os tabajaras, seus inimigos, por desdém os apelidavam potiguaras, comedores de camarão.

Iracema temeu ofender o guerreiro branco; por isso, falando dos pitiguaras, não lhes recusou o nome guerreiro que eles haviam tomado para si.

O estrangeiro reteve por um instante a palavra no lábio prudente, enquanto refletia:

— O canto da gaivota é o grito de guerra do valente Poti, amigo de teu hóspede!

A virgem estremeceu por seus irmãos. A fama do bravo Poti, irmão de Jacaúna, subiu das ribeiras do mar ao cimo da Ibiapaba³¹; rara é a cabana onde já não rugiu contra ele o grito da vingança, porque cada golpe do válido tacape deitou um guerreiro tabajara em seu camucim.

Achou Iracema que Poti vinha à frente de seus guerreiros para livrar o amigo. Era ele sem dúvida que fizera retumbar o búzio das praias, no momento do combate. Foi com um tom misturado de doçura e tristeza que replicou:

— O estrangeiro está salvo; os irmãos de Iracema vão morrer, porque ela não falará.

— Despede essa tristeza de tua alma. O estrangeiro, partindo de teus campos, virgem tabajara, não deixará neles rastro de sangue, como o tigre esfomeado.

Iracema tomou a mão do guerreiro branco e beijou-a.

³¹ Região do Ceará.

Iracema

— Teu sorriso, filha do pajé, apagou a lembrança do mal que eles me querem.

Martim ergueu-se e caminhou para a porta.

— Aonde vai o guerreiro branco?

— Ao encontro de Poti.

— O hóspede de Araquém não pode sair desta cabana, porque os guerreiros de Irapuã o matarão.

— Um guerreiro só pede proteção a Deus e a suas armas. Não carece que o defendam os velhos e as mulheres.

— Que vale um guerreiro só contra mil guerreiros? Valente e forte é o tamanduá, que morde os gatos selvagens por serem muitos e o acabam. Tuas armas só chegam até onde mede a sombra de teu corpo; as armas deles voam alto e direito como o anajé³².

— Todo o guerreiro tem seu dia.

— Não queres tu que morra Iracema, e queres que ela te deixe morrer!

Martim ficou perplexo.

— Iracema irá ao encontro do chefe pitiguara e trará a seu hóspede as falas do guerreiro amigo.

Saiu enfim o pajé da sua contemplação. O maracá rugiu na mão direita; tiniram os guizos com o passo rígido e lento. Chamou ele a filha de parte:

— Se os guerreiros de Irapuã vierem contra a cabana, levanta a pedra e esconde o estrangeiro no seio da terra.

— O hóspede não deve ficar só; espere que volte Iracema. Ainda não cantou a inhuma³³.

Tornou a sentar-se na rede o velho. A virgem partiu, fechando a porta da cabana.

³² Gavião.

³³ Ave típica da Amazônia.

Capítulo XIII

Avança a filha de Araquém nas trevas; **para** e escuta.

O grito da gaivota ressoa pela terceira vez a seu ouvido; vai direito ao lugar donde partiu; chega à borda de um tanque; seu olhar investiga a escuridão e nada vê do que busca.

A voz agradável, suave como sussurro de colibri, murmura:

— Guerreiro Poti, teu irmão branco te chama pela boca de Iracema.

Só o eco lhe respondeu.

— A filha de teus inimigos vem a ti, porque o estrangeiro te ama, e ela ama o estrangeiro.

Abriu-se a lisa face do lago, e um vulto, que nada para a margem, surge.

— Foi Martin que te mandou, pois tu sabes o nome de Poti, seu irmão na guerra.

— Fala, chefe pitiguara; o guerreiro branco espera.

— Torna a ele e diz que Poti é chegado para o salvar.

— Ele sabe; e mandou-me a ti.

— As falas de Poti sairão de sua boca para o ouvido de seu irmão.

— Espera então que Araquém parta e a cabana fique deserta; eu te guiarei à presença do estrangeiro.

— Nunca, filha dos tabajaras, um guerreiro pitiguara passou a soleira da cabana inimiga, a não ser como vencedor. Conduz aqui o guerreiro do mar.

— A vingança de Irapuã fareja em roda da cabana de Araquém. Trouxe o irmão do estrangeiro bastantes guerreiros pitiguaras para o defender e salvar?

Poti refletiu:

— Conta, virgem das serras, o que aconteceu em teus campos depois que a eles chegou o guerreiro do mar.

Falou Iracema como a cólera de Irapuã havia se assanhado contra o estrangeiro, até que a voz de Tupã, chamada pelo pajé, tinha acalmado seu furor:

Iracema

— A raiva de Irapuã é como a andira: foge da luz e voa nas trevas.

A mão de Poti fechou súbito os lábios da virgem; sua fala parecia um sopro:

— Suspende a voz e o respiro, virgem das florestas; o ouvido inimigo escuta na sombra.

As folhas estalavam de manso, como se por elas passasse a nambu³⁴. Um rumor, partido da orla da mata, vinha descendo pelo vale.

O valente Poti, resvalando pela relva, como o ligeiro camarão, de que ele tomara o nome e a viveza, desapareceu no lago profundo. A água não soltou um murmúrio e fechou sobre ele sua onda límpida.

Voltou Iracema à cabana; em meio do caminho perceberam seus olhos as sombras de muitos guerreiros que deslizavam pelo chão. Vendo-a entrar, Araquém partiu.

A virgem tabajara contou a Martim o que ouvira de Poti; o guerreiro cristão ergueu-se de um impulso para correr em defesa de seu irmão pitiguara. Envolve Iracema seu colo com os lindos braços:

— O chefe não precisa de ti; ele é filho das águas; as águas o protegem. Mais tarde o estrangeiro escutará as falas do amigo.

— Iracema, é tempo de teu hóspede deixar a cabana do pajé e os campos dos tabajaras. Ele não tem medo dos guerreiros de Irapuã; tem medo dos olhos da virgem de Tupã.

— Estes fugirão de ti.

— Fuja deles o estrangeiro, como o oitibó da estrela da manhã.

Martim deu um passo.

— Vai, guerreiro ingrato; vai matar teu irmão primeiro, depois a ti. Iracema te seguirá até os campos alegres aonde vão as sombras dos que morrem.

— Matar meu irmão, dizes tu, virgem cruel.

— Teu rasto guiará o inimigo aonde se oculta o guerreiro do vale.

O cristão parou em meio da cabana; e ali permaneceu mudo e imóvel. Iracema, com medo de fitá-lo, punha os olhos na sombra do guerreiro que a chama projetava na velha parede da cabana.

³⁴ Ave tinamiforme de corpo robusto.



Iracema

O cão felpudo, deitado no borralho³⁵, deu sinal de aproximar-se gente amiga. A porta feita dos talos da carnaúba foi aberta por fora. Caubi entrou.

— O cauim perturbou o espírito dos guerreiros; eles vêm contra o estrangeiro.

A virgem ergueu-se de um impulso:

— Levanta a pedra que fecha a garganta de Tupã, para que ela esconda o estrangeiro.

O guerreiro tabajara, equilibrando a laje enorme, emborcou-a no chão.

— Filho de Araquém, deita-te na porta da cabana, e nunca mais te levantes da terra, se um guerreiro passar por cima de teu corpo.

Caubi obedeceu; a virgem fechou a porta.

Passa-se um breve momento. Ressoa perto o barulho dos guerreiros; travam-se as vozes iradas de Irapuã e Caubi.

— Eles vêm; mas Tupã salvará seu hóspede.

Nesse instante, como se o deus do trovão ouvisse as palavras de sua virgem, o buraco, mudo em princípio, ressoou surdamente.

— Ouve! É a voz de Tupã.

Iracema fecha a mão do guerreiro e o leva à borda do buraco. Somem-se ambos nas entranhas da terra.

Capítulo XIV

Os guerreiros tabajaras, excitados com as fartas doses do espumante cauim, se inflamam à voz de Irapuã, que tantas vezes os guiou ao combate quantas à vitória.

O vinho acalma a sede do corpo, mas acende outra sede maior na alma feroz. Rugem vinganças contra o estrangeiro audaz que, afrontando suas armas, ofende o deus de seus pais e o chefe de guerra, o primeiro varão tabajara.

³⁵ Lugar aquecido e confortável.

Lá tripudiam de ira e avançam pelas sombras; a luz vermelha do ubiratã, que brilha ao longe, os guia à cabana de Araquém. De espaço em espaço erguem-se do chão os que primeiro vieram para vigiar o inimigo.

— O pajé está na floresta!, murmuram eles.

— E o estrangeiro?, pergunta Irapuã.

— Na cabana com Iracema.

Lança o grande chefe terrível salto; já é chegado à porta da cabana, e com ele seus valentes guerreiros.

O vulto de Caubi enche o vão da porta; suas armas guardam diante dele o espaço de um bote de gato-do-mato.

— Vis guerreiros são aqueles que atacam em bando como os caïtutus³⁶. O jaguar, senhor da floresta, e o anajé, senhor das nuvens, combatem só o inimigo.

— Morda o pó a boca infame que levanta a voz contra o mais valente guerreiro dos guerreiros tabajaras.

Proferidas estas palavras, o braço de Irapuã ergue o rígido taca-pe, mas **para** no ar; as entranhas da terra outra vez rugem, como rugiram, quando Araquém acordou a voz tremenda de Tupã.

Os guerreiros levantam medonho alarido e, cercando seu chefe, o tiram do funesto lugar e da cólera de Tupã, contra eles instigado.

Caubi estende-se de novo na soleira da porta; seus olhos adormecem; mas o ouvido sutil vela no sono.

Emudeceu a voz de Tupã. Iracema e o cristão, perdidos nas entranhas da terra, descem a grota profunda. Súbito, uma voz que vinha ecoando pelo espaço, encheu seus ouvidos:

— O guerreiro do mar escuta a fala de seu irmão?

— É Poti, o amigo de teu hóspede, disse o cristão para a virgem.

Iracema estremeceu:

— Ele fala pela boca de Tupã.

Martim respondeu enfim ao pitiguara.

— As falas de Poti entram n'alma de seu irmão.

— Nenhum outro ouvido escuta?

— Os da virgem que duas vezes em um sol defendeu a vida de teu irmão!

— A mulher é fraca; o tabajara, traidor; e o irmão de Jacaúna, prudente.

³⁶ Também conhecido como *porco-do-mato*.

Iracema

Iracema suspirou e pousou a cabeça no peito do jovem:

— Senhor de Iracema, fecha seus ouvidos para que ela não ouça.

Martim repeliu docemente a gentil fronte:

— Fale o chefe pitiguara; só o escutam ouvidos amigos e fiéis.

— Tu ordenas, Poti fala. Antes que o sol se levante na serra, o guerreiro do mar deve partir para as margens do ninho das garças; a estrela morta o guiará. Nenhum tabajara o seguirá, porque a inúbia dos pitiguaras rugirá da banda da serra.

— Quantos guerreiros pitiguaras acompanham seu chefe valente?

— Nenhum; Poti veio só. Quando os espíritos maus das florestas separaram o guerreiro do mar de seu irmão, Poti veio em seguimento do rasto. Seu coração não deixou que voltasse para chamar os guerreiros de sua aldeia; mas separou o cão fiel do grande Jacaúna.

— O chefe pitiguara está só; não deve rugir a inúbia que chamará contra si todos os guerreiros tabajaras.

— Assim é preciso para salvar o irmão branco; Poti zombará de Irapuã, como zombou quando combatiam cem contra ti.

A filha do pajé, que ouvia calada, debruçou-se ao ouvido do cristão:

— Iracema quer te salvar e a teu irmão; ela tem seu pensamento. O chefe pitiguara é valente e corajoso; Irapuã é manhoso e traiçoeiro como a acauã. Antes que chegues à floresta, cairás; e teu irmão da outra banda cairá contigo.

— Que fará a virgem tabajara para salvar o estrangeiro e seu irmão?, perguntou Martim.

— A lua das flores vai nascer. É o tempo da festa, em que os guerreiros tabajaras passam a noite no bosque sagrado e recebem do pajé os sonhos alegres. Quando estiverem todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos de Ipu e os olhos de Iracema, mas sua alma, não.

Martim apertou a virgem contra o seio; mas logo a afastou. O toque de seu corpo, doce como a açucena da mata e macio como o ninho do beija-flor, magoou seu coração, porque lhe recordou as palavras terríveis do pajé.



A voz do cristão transmitiu a Poti o pensamento de Iracema; o chefe pitiguara, prudente como o tamanduá, pensou e respondeu:

— A sabedoria falou pela boca da virgem tabajara. Poti espera o nascimento da lua.

Capítulo XV

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas, no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.

Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos puros sentimentos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se docemente ao punho da rede; seus olhos negros e brilhantes, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro e entram na sua alma. O cristão sorri; a virgem se emociona; como o gavião, fascinado pela serpente, vai declinando o corpo sensual, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

Já o estrangeiro a aperta ao seio; e o lábio ávido busca o lábio que o espera, para celebrar nesse santuário d'alma o casamento do amor.

No recanto escuro, o velho pajé, imerso em funda contemplação e alheio às coisas deste mundo, soltou um gemido doloroso. Pressentira o coração o que não viram os olhos? Ou foi algum funesto presságio para a raça de seus filhos, que assim ecoou n'alma de Araquém? Ninguém o soube.

O cristão afastou do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira. Fecha os olhos para

não ver; e enche sua alma com o nome e a veneração de seu Deus:

— Cristo!... Cristo!...

Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco, mas, todas as vezes que seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, ele sente correr pelas suas veias uma onda de ardente chama. Assim, quando a criança descuidada mexe nas brasas de intenso fogo, saltam as fagulhas inflamadas que queimam suas faces.

Fecha os olhos o cristão, mas na sombra de seu pensamento surge a imagem da virgem, talvez mais bela. Inutilmente chama o sono às pálpebras cansadas; abrem-se, desgraça sua.

Desce do céu ao confuso pensamento uma inspiração.

— Virgem formosa do sertão, esta é a última noite que teu hóspede dorme na cabana de Araquém, aonde nunca viera, para teu bem e dele. Faz que seu sono seja alegre e feliz.

— Manda; Iracema te obedece. Que pode ela para tua alegria?

O cristão falou submisso, para que não o ouvisse o velho pajé:

— A virgem de Tupã guarda os sonhos da jurema que são doces e saborosos!

Um triste sorriso surgiu nos lábios de Iracema:

— O estrangeiro vai viver para sempre à cintura da virgem branca; nunca mais seus olhos verão a filha de Araquém, e ele já quer que o sono feche suas pálpebras, e que o sonho o leve à terra de seus irmãos!

— O sono é o descanso do guerreiro, disse Martim; e o sonho a alegria d'alma. O estrangeiro não quer levar consigo a tristeza da terra hospedeira, nem deixá-la no coração de Iracema!

A virgem ficou imóvel.

— Vai e torna com o vinho de Tupã.

Quando Iracema foi de volta, já o pajé não estava na cabana; a virgem tirou do seio o vaso que ali trazia oculto sob a vestimenta de algodão feita de penas. Martim a retirou das suas mãos e ingeriu as gotas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema e colher em seus lábios o beijo, que ali viçava entre sorrisos, como o fruto na corola da flor. Podia amá-la e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O gozo era vida, pois o sentia mais forte e intenso; o mal

Iracema

era sonho e ilusão, que da virgem não possuía senão a imagem.

Iracema afastara-se opressa e suspirosa.

Abriram-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente. A juruti³⁷, que corre pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as asas e voa para aconchegar-se no ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, como borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante a timidez acendia vivos rubores; e, como entre o amanhecer brilha o primeiro raio do sol, em suas faces incendiadas brilhava o primeiro sorriso da esposa, aurora de amor desfrutado.

A jandaia fugira ao nascer do sol e para não tornar mais à cabana.

Vendo Martim a virgem unida ao seu coração, achou que o sonho continuava; fechou os olhos para torná-los a abrir. A gritaria dos guerreiros, troando pelo vale, o arrancou do doce engano; sentiu que já não sonhava, mas vivia. Sua mão cruel abafou nos lábios da virgem o beijo que ali se espalhava.

— Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu sua alma deles. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema.

A filha de Araquém escondeu no coração a sua felicidade. Ficou tímida e inquieta, como a ave que pressente a tempestade no horizonte. Afastou-se rápida e partiu.

As águas do rio banharam o corpo puro da recente esposa.

Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras.

³⁷ Espécie de ave.

Capítulo XVI

O alvo disco da lua surgiu no horizonte.

A luz brilhante do sol empalideceu a virgem do céu, como o amor do guerreiro desmaia a face da esposa.

— Jaci!... Mãe nossa!, exclamaram os guerreiros tabajaras.

E, agitando os arcos, lançaram ao céu com a chuva das flechas o canto da lua nova: “Veio no céu a mãe dos guerreiros; já volta o rosto para ver seus filhos. Ela traz as águas, que enchem os rios e a polpa do caju. Já veio a esposa do sol; já sorri às virgens da terra, filhas suas. A doce luz acende o amor no coração dos guerreiros e fecunda o seio da jovem mãe”.

Cai a tarde.

Divertem-se as mulheres e os meninos na vasta ocará³⁸; os jovens, que ainda não ganharam nome de guerra por algum feito brilhante, se espalham no vale.

Os guerreiros seguem Irapuã ao bosque sagrado, onde os esperam o pajé e sua filha para o mistério da jurema. Iracema já acendeu os fogos da alegria, Araquém está imóvel e em transe no seio de uma nuvem de fumo.

Cada guerreiro que chega depõe a seus pés uma oferenda a Tupã. Traz um a succulenta caça; outro, a farinha-d’água; aquele, o saboroso cardume da traíra. O velho pajé, para quem são estas dádivas, as recebe com desdém.

Quando foram todos sentar em torno do grande fogo, o ministro de Tupã ordena o silêncio com um gesto e, três vezes clamando o nome terrível, enche-se do deus, que o habita:

— Tupã!... Tupã!... Tupã!...

De grota em grota o eco ao longe repercutiu.

Vem Iracema com a igaçaba cheia do verde licor. Araquém decreta os sonhos a cada guerreiro e distribui o vinho da jurema, que transporta ao céu o valente tabajara. Este, grande caçador, sonha que os veados e as pacas³⁹ correm de encontro às suas flechas para se traspassarem nelas; cansado por fim de ferir, cava na terra o bucã⁴⁰ e assa tamanha quantidade de caça, que mil guerreiros em um ano não acabariam.

³⁸ Praça no interior da aldeia indígena.

³⁹ Grande roedor noturno.

⁴⁰ Espécie de grelha que os indígenas faziam para assar a caça.

Iracema

Outro, desejoso de amores, sonha que as mais belas virgens tabajaras deixam a cabana de seus pais e o seguem presas de seu querer. Nunca a rede de chefe algum embalou mais sensuais carícias, do que ele desfruta naquele êxtase.

O herói sonha tremendas lutas e horríveis combates, de que sai vencedor, cheio de glória e fama. O velho renasce na prole numerosa e, como o seco tronco donde rebenta nova e robusta sebe, ainda cobre-se de flores.

Todos sentem a felicidade tão viva e contínua que no espaço da noite pensam viver muitas luas. As bocas murmuram; o gesto fala; e o pajé, que tudo escuta e vê, colhe o segredo no íntimo d'alma.

Iracema, depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã, saiu do bosque. O rito não permitia que ela assistisse ao sono dos guerreiros e ouvisse falar os sonhos.

Foi dali direto à cabana, onde a esperava Martim:

— Toma tuas armas, guerreiro branco. É tempo de partir.

— Leva-me a Poti, meu irmão.

A virgem caminhou para o vale; o cristão a seguiu. Chegaram à base do rochedo, que ia morrer à beira do tanque, em um maciço de verdura.

— Chama teu irmão!

Soltou Martim o grito da gaivota. A pedra que fechava a entrada da gruta caiu; e o vulto do guerreiro Poti apareceu na sombra.

Os dois irmãos encostaram a fronte na fronte e o peito no peito, para exprimir que não tinham ambos mais que uma cabeça e um coração.

— Poti está contente porque vê seu irmão, que o mau espírito da floresta arrebatou de seus olhos.

— Feliz é o guerreiro que tem ao lado um amigo como o bravo Poti; todos os guerreiros o invejarão.

Iracema suspirou, pensando que a afeição do pitiguara bastava à felicidade do estrangeiro.

— Os guerreiros tabajaras dormem. A filha de Araquém vai guiar os estrangeiros.

Seguiu a virgem adiante; os dois guerreiros após. Quando tinham andado o espaço que transpõe a garça de um voo, o chefe pitiguara tornou-se inquieto e murmurou ao ouvido do cristão:



SCHLESSEER

Iracema

— Manda a filha do pajé voltar à cabana de seu pai. Ela demora a marcha dos guerreiros.

Martim estremeceu; mas a voz da prudência e da amizade penetrou em seu coração. Avançou para Iracema e tirou do seio a voz mais terna para acalantar a saudade da virgem:

— Quanto mais afunda a raiz da planta na terra, mais custa arrancá-la. Cada passo de Iracema no caminho da partida é uma raiz que lança no coração de seu hóspede.

— Iracema quer te acompanhar até onde acabam os campos dos tabajaras, para voltar com o sossego em seu coração.

Martim não respondeu. Continuaram a caminhar, e com eles caminhava a noite; as estrelas desmaiaram, e a frescura da alvorada alegrou a floresta. As roupas da manhã, alvas como o algodão, apareceram no céu.

Poti olhou a mata e parou. Martim compreendeu e disse a Iracema:

— Teu hóspede já não pisa os campos dos tabajaras. É o instante de separar-te dele.

Capítulo XVII

Iracema pousou a mão no peito do guerreiro branco:

— A filha dos tabajaras já deixou os campos de seus pais; agora pode falar.

— Que segredo guardas em teu seio, virgem formosa do sertão?

— Iracema não pode mais separar-se do estrangeiro.

— Assim é preciso, filha de Araquém. Torna à cabana de teu velho pai, que te espera.

— Araquém já não tem filha.

Martim tornou com gesto rude e severo:

— Um guerreiro de minha raça jamais deixou a cabana do hóspede viúva de sua alegria. Araquém abraçará sua filha, para não amaldiçoar o estrangeiro ingrato.

Curvou a virgem a frente; cobrindo-se com o cabelo negro que se derramava pelo colo, cruzando ao seio os lindos braços, recolheu-se em seu pudor. Assim o róseo cacto, que já desabrochou em linda flor, fecha em botão o seio perfumado.

— Iracema te acompanhará, guerreiro branco, porque ela já é tua esposa.

Martim estremeceu.

— Os maus espíritos da noite perturbaram o espírito de Iracema.

— O guerreiro branco sonhava, quando Tupã abandonou sua virgem. A filha do Pajé traiu o segredo da jurema.

O cristão escondeu as faces à luz.

— Deus!..., clamou seu lábio trêmulo.

Permaneceram ambos mudos e parados.

Afinal disse Poti:

— Os guerreiros tabajaras despertam.

O coração da virgem, como o do estrangeiro, ficou surdo à voz da prudência. O sol levantou-se no horizonte; e o seu olhar majestoso desceu dos montes à floresta. Poti, de pé, mudo e parado, como um tronco cortado, esperou que seu irmão quisesse partir.

Foi Iracema quem primeiro falou:

— Vem; enquanto não pisares as praias dos pitiguaras, tua vida corre perigo.

Martim seguiu silencioso a virgem, que fugia entre as árvores como a selvagem cutia. A tristeza apertava seu coração; mas a onda de perfumes que deixava na brisa a passagem da formosa tabajara provocava o amor no seio do guerreiro. Seu passo era vagaroso, seu peito ofegava.

Poti cismava. Em sua cabeça de jovem morava o espírito de um bravo. O chefe pitiguara pensava que o amor é como o cauim, o qual, bebido com moderação, fortalece o guerreiro, e, tomado em excesso, abate a coragem do herói. Ele sabia quanto era veloz o pé do tabajara; e esperava o momento de morrer defendendo o amigo.

Quando as sombras da tarde entristeciam o dia, o cristão

Iracema

parou no meio da mata. Poti acendeu o fogo da hospitalidade. A virgem desdobrou a alva rede de algodão franjada de penas de tucano e suspendeu-a aos ramos da árvore:

— Esposo de Iracema, tua rede te espera.

A filha de Araquém foi sentar-se longe, na raiz de uma árvore, como a cerva solitária, que o ingrato companheiro afugentou. O guerreiro pitiguara desapareceu na espessura da folhagem.

Martim ficou mudo e triste, semelhante ao tronco d'árvore a que o vento arrancou o lindo cipó que o entrelaça. A brisa perpassando levou um murmúrio:

— Iracema!

Era o som do companheiro; a cerva, arrepiando-se, ganhou o doce aconchego. A floresta destilava suave fragrância e exalava arpejos harmoniosos; os suspiros do coração se difundiram nos murmúrios do deserto. Foi a festa do amor e o canto do casamento.

Já a luz da manhã coou na selva densa. A voz grave e sonora de Poti repercutiu no sussurro da mata:

— O povo tabajara caminha na floresta!

Iracema arrancou-se dos braços que a envolviam e do lábio que a tinha cativa; saltando da rede como a rápida zabelê⁴¹, pegou as armas do esposo e levou-o através da mata. De espaço a espaço, o prudente Poti escutava as entranhas da terra; sua cabeça movia-se pesada de um a outro lado, como a nuvem que se balança no outro lado do rochedo, aos vários sopros da tempestade próxima.

— O que escuta o ouvido do guerreiro Poti?

— Escuta o passo veloz do povo tabajara. Ele vem como anta rompendo a floresta.

— O guerreiro pitiguara é a ema que voa sobre a terra; nós o seguiremos como suas asas, disse Iracema.

O chefe sacudiu de novo a fronte:

— Enquanto o guerreiro do mar dormia, o inimigo correu. Os que primeiro partiram já avançam além com as pontas do arco.

A vergonha mordeu o coração de Martim:

— Fuja o chefe Poti e salve Iracema. Só deve morrer o guerreiro mau, que não escutou a voz de seu irmão e o pedido de sua esposa.

⁴¹ Ave das regiões de floresta do Brasil.

Martim arrepiou o passo:

— A alma do guerreiro branco não escutou sua boca. Poti e seu irmão só têm uma vida.

O lábio de Iracema não falou; sorriu.

Capítulo XVIII

Treme a selva com o barulho da carreira do povo tabajara. O grande Irapuã, primeiro, surge entre as árvores. Seu olhar avermelhado viu o guerreiro branco entre nuvens de sangue; o ronco bravio do tigre rompe de seu peito cavernoso.

O chefe tabajara e seu povo iam lançar-se sobre os fugitivos, como a onda revolta que arrebenta no rio Mocoripe.

Eis que late o cão selvagem.

O amigo de Martim solta o grito da alegria:

— O cão de Poti guia os guerreiros de sua aldeia em socorro teu.

O rouco búzio dos pitiguaras soa pela floresta. O grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chegava do rio das garças com seus melhores guerreiros.

Os pitiguaras recebem o primeiro ataque do inimigo nas pontas espetadas de suas flechas, que eles distribuem do arco aos molhos, como o cuandu os espinhos do seu corpo. Logo após soado o grito de guerra, estreita-se o espaço, e a luta se trava face a face.

Jacaúna atacou Irapuã. Prossegue o horrível combate que seria suficiente a dez bravos, e não esgotou ainda a força dos grandes chefes. Quando os dois tacapes se encontram, a batalha toda estremece como um só guerreiro, até as entranhas.

O irmão de Iracema veio direto ao estrangeiro, que arrancara a filha de Araquém à cabana hospitaleira; o faro da vingança

Iracema

o guia; a vista da irmã assanha a raiva em seu peito. O guerreiro Caubi assalta com furor o inimigo.

Iracema, unida ao lado de seu guerreiro e esposo, viu de longe Caubi e falou assim:

— Senhor de Iracema, ouve o rogo de tua escrava; não derrama o sangue do filho de Araquém. Se o guerreiro Caubi tem de morrer, morra ele por esta mão, não pela tua.

Martim pôs no rosto da virgem olhos de horror:

— Iracema matará seu irmão?

— Iracema antes quer que o sangue de Caubi tinja sua mão que a tua; porque os olhos de Iracema **veem** a ti, e a ela não.

Travam a luta os guerreiros. Caubi combate com ira; o cristão defende-se apenas; mas a seta no arco da esposa guarda a vida do guerreiro contra os botes do inimigo. Poti já fez cair o velho Andira e quantos guerreiros topou na luta seu válido tacape.

Martim abandona o filho de Araquém e corre sobre Irapuã.

— Jacaúna é um grande chefe, seu colar de guerra dá três voltas ao peito. O tabajara pertence ao guerreiro branco.

— A vingança é a honra do guerreiro, e Jacaúna preza o amigo de Poti.

O grande chefe pitiguara levou além o formidável tacape. Intensificou-se o combate entre Irapuã e Martim. A espada do cristão batendo na clava do selvagem fez-se em pedaços. O chefe tabajara avançou contra o peito inerte do adversário.

Iracema soprou como a cascavel e lançou-se contra a fúria do guerreiro tabajara. A arma rígida tremeu na mão possante do chefe e o braço caiu desfalecido.

Soava o grito da vitória. Os guerreiros pitiguaras conduzidos por Jacaúna e Poti varriam a floresta. Fugindo, os tabajaras tiraram seu chefe do ódio da filha de Araquém que o podia abater, como a jandaia abate o gigante coqueiro roendo seu interior.

Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão coberto de cadáveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquele sangue que enrubescia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha.

O pranto orvalhou seu lindo semblante.

Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema.



Capítulo XIX

Poti voltou de perseguir o inimigo. Seus olhos se encheram de alegria, vendo salvo o guerreiro branco. O cão fiel o seguia de perto, lambendo ainda nos **pelos** do focinho o sangue tabajara, de que se fartara; o senhor o acariciava satisfeito de sua coragem e dedicação. Fora ele quem salvara Martim, trazendo ali com tanto cuidado os guerreiros de Jacaúna.

— Os maus espíritos da floresta podem separar outra vez o guerreiro branco de seu irmão pitiguara. O cão te seguirá daqui em diante, para que mesmo de longe Poti atenda teu chamado.

— Mas o cão é teu companheiro e amigo fiel.

— Mais amigo e companheiro será de Poti servindo a seu irmão. Tu o chamarás Japi, e será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro.

Jacaúna deu o sinal da partida.

Os guerreiros pitiguaras caminharam para as margens alegres do rio onde bebem as garças; ali se erguia a grande aldeia dos senhores das várzeas.

O sol deitou-se e de novo se levantou no céu. Os guerreiros chegaram aonde a serra quebrava para o sertão; já tinham passado aquela parte da montanha, que, por não possuir arvoredos e ser tosquiada como a capivara, a gente de Tupã chamava Ibiapina.

Poti levou o cristão aonde crescia um frondoso jatobá, que afrontava as árvores do cume da serra e, quando batido pelo vento, parecia varrer o céu com a imensa copa.

— Neste lugar nasceu teu irmão, disse o pitiguara.

Martim aproximou ao peito o tronco amigo:

— Jatobá, que viste nascer meu irmão Poti, o estrangeiro te abraça.

— O raio te decepe, árvore do guerreiro Poti, quando seu irmão o abandonar.

Depois o chefe assim falou:

— Ainda Jacaúna não era um guerreiro, Jatobá, o maior chefe, conduzia os pitiguaras à vitória. Logo que as grandes águas

correram, ele caminhou para a serra. Aqui chegando, mandou levantar a aldeia, para estar perto do inimigo e vencê-lo mais vezes. A mesma lua que o viu chegar iluminou a rede onde Saí, sua esposa, lhe deu mais um guerreiro de seu sangue. O luar passava por entre as folhas do jatobá; e o sorriso, pelos lábios do jovem possante, que tomara seu nome e robustez.

Iracema aproximou-se.

A rola, que marisca na areia, se o companheiro se afasta, voa inquieta de ramo em ramo e arrulha para que lhe responda o ausente amigo. Assim a filha das florestas errara pelas encostas, entoando o singelo canto suave. Martim a recebeu com a alma no semblante; e levando a esposa do lado do coração e o amigo do lado da força, voltou ao rancho dos pitiguaras.

Capítulo XX

A lua cresceu.

Três sóis havia que Martim e Iracema estavam nas terras dos pitiguaras, senhores das margens do Camocim e Acaracu. Os estrangeiros tinham sua rede na vasta cabana de Jacaúna. O valente chefe guardou para si o prazer de hospedar o guerreiro branco.

Poti abandonou sua aldeia para acompanhar seu irmão de guerra na cabana de seu irmão de sangue e aproveitar os instantes que sobravam para a amizade, no coração do guerreiro do mar. A sombra já se retirou da face da terra; e Martim viu que ela não se retirava ainda da face da esposa, desde o dia do combate.

— A tristeza mora n'alma de Iracema!

— A alegria para a esposa só vem de ti; quando teus olhos a deixam, as lágrimas enchem os seus.

Iracema

— Por que chora a filha dos tabajaras?

— Esta é a aldeia dos pitiguaras, inimigos de seu povo. A vista de Iracema já conheceu o crânio de seus irmãos espetado na caçara; seu ouvido já escutou o canto de morte dos cativos tabajaras; a mão já tocou as armas tintas do sangue de seus pais.

A esposa pousou as duas mãos nos ombros do guerreiro e reclinou ao peito dele:

— Iracema tudo sofre por seu guerreiro e senhor. A ata⁴² é doce e saborosa; mas, quando a machucam, azeda. Tua esposa quer que seu amor encha teu coração das doçuras do mel.

— Volte o sossego ao seio da filha dos tabajaras; ela vai deixar a aldeia dos inimigos de seu povo.

O cristão caminhou para a cabana de Jacaúna. O grande chefe alegrou-se vendo chegar seu hóspede; mas a alegria fugiu logo de sua fronte guerreira. Martim dissera:

— O guerreiro branco parte de tua cabana, grande chefe.

— Alguma coisa te faltou na aldeia de Jacaúna?

— Nada faltou a teu hóspede. Ele era feliz aqui; mas a voz do coração o chama a outros sítios.

— Então parte e leva o que é preciso para a viagem. Tupã te fortaleça e traga outra vez à cabana de Jacaúna, para que ele festeje tua boa-vinda.

Poti chegou; sabendo que o guerreiro do mar ia partir, disse:

— Teu irmão te acompanha.

— Os guerreiros de Poti precisam de seu chefe.

— Se tu não queres que eles vão com Poti, Jacaúna os conduzirá à vitória.

— A cabana de Poti ficará deserta e triste.

— Deserto e triste será o coração de teu irmão longe de ti. O guerreiro do mar deixa as margens do rio das garças e caminha para as terras onde o sol se deita. A esposa e o amigo seguem sua marcha.

Passou além da fértil montanha, onde a fartura dos frutos criava grande quantidade de mosca, de onde veio o nome de Meruoca.

Atravessam os campos que o rio das garças banha e avistam longe no horizonte uma alta serra. Morre o dia; nuvem

⁴² Fruta-do-conde, pinha.

negra voa das bandas do mar; são os urubus que pastaram nas praias a carniça e com a noite voltam ao ninho.

Os viajantes dormem aí, em Uruburetama. Com o segundo sol chegaram às margens do rio, que nasce na quebrada da serra e desce a planície enroscando-se como uma cobra. Suas voltas contínuas enganam a cada passo o peregrino, que vai seguindo o tortuoso curso; por isso foi chamado Mundaú.

Percorrendo as frescas margens, Martim viu no sol seguinte os verdes mares e alvas praias, onde as ondas murmurosas soluçam às vezes e outras raivam de fúria, rebentando em flocos de espuma.

Os olhos do guerreiro branco se dilataram pela vasta imensidade; seu peito suspirou. Esse mar beijava também as brancas areias do Potengi, seu berço natal, onde ele vira a luz americana. Lançou-se nas ondas e pensou banhar seu corpo nas águas da pátria, como banhara sua alma nas saudades dela.

Iracema sentiu que seu coração chorava; mas não tardou que o sorriso de seu guerreiro o acalentasse.

Entretanto Poti do alto da rocha figava o saboroso camaropim⁴³ que brincava na pequena baía do Mundaú; e preparava o moquém⁴⁴ para a refeição.

Capítulo XXI

Já descia o sol das alturas do céu.

Chegam os viajantes à foz do rio onde se criam em grande abundância as saborosas traíras, suas praias são povoadas pela tribo dos pescadores, da grande nação dos pitiguaras.

Eles receberam os estrangeiros com a hospitalidade generosa, que era uma lei de sua religião; e Poti, com o respeito que merecia tão grande guerreiro, irmão de Jacaúna, maior chefe da forte gente pitiguara.

⁴³ Camarupim, peixe comum no Norte e no Nordeste do Brasil.

⁴⁴ Grelha feita de varas onde se assa ou seca a carne ou o peixe.



SCHREISSER

Para repousar os viajantes e acompanhá-los na despedida, o chefe da tribo tomou Poti, Martim e Iracema na jangada e, abrindo a vela à brisa, levou-os até muito longe na costa.

Os pescadores em suas jangadas seguiam o chefe e gritavam os ares o canto de saudade e os murmuros do uraçá, que imita os soluços do vento.

Além da barra da Piroquara, estava mais entrada para as serras a tribo dos caçadores. Eles ocupavam as margens do Soipé, cobertas de matas, onde havia muitos veados, gordas pacas e macios jacus. Assim os habitantes dessas margens lhes deram o nome de *país da caça*.

O chefe dos caçadores, Jaguaraçu, tinha sua cabana à beira do lago, que forma o rio perto do mar. Aí acharam os viajantes o mesmo agasalho que haviam recebido dos pescadores. Depois que partiram do Soipé, os viajantes atravessaram o rio Taíba, em cujas margens vagavam bandos de porcos-do-mato; mas longe corria o Cauípe, onde se fabricava excelente vinho de caju.

No outro sol viram um lindo rio que saía do mar cavando uma bacia na rocha viva. Além surgia no horizonte um alto morro de areia que tinha a alvura da espuma do mar. O cabo elevado parece a cabeça calva do condor, esperando ali a tempestade, que vem dos confins do oceano.

— Poti conhece o grande morro das areias?, perguntou o cristão.

— Poti conhece toda a terra que têm os pitiguaras, desde as margens do grande rio, que forma um braço do mar, até a margem do rio onde habita o jaguar. Ele já esteve no alto do Mocaripe e de lá viu correr no mar as grandes igaras⁴⁵ dos guerreiros brancos, teus inimigos, que estão no Mearim.

— Por que chamas tu Mocaripe ao grande morro das areias?

— O pescador da praia, que vai na jangada, lá onde voa a gaivota, fica triste, longe da terra e de sua cabana, em que dormem os filhos de seu sangue. Quando ele torna e seus olhos primeiro avistam o morro das areias, o prazer volta a seu coração. Por isso ele diz que o morro das areias dá alegria.

— O pescador diz bem; porque teu irmão ficou contente como ele, vendo o monte das areias.

⁴⁵ Canoas.

Iracema

Martim subiu com Poti ao cimo do Mocaripe. Iracema, seguindo com os olhos o esposo, andava como a jaçanã⁴⁶ em torno do lindo seio, que ali fez a terra para receber o mar. De passagem ela colhia os doces cajus, que aplacam a sede aos guerreiros, e apanhava conchas mimosas para ornar seu colo.

Os viajantes estiveram em Mocaripe três sóis. Depois Martim levou seus passos além. A esposa e o amigo tornaram à embocadura do rio cujas margens eram alagadas e cobertas de mangue. O mar, entrando por ele, formava uma bacia cheia de água cristalina e cavada na pedra uma espécie de pote.

O guerreiro cristão, percorrendo essa paragem, começou a pensar. Até ali ele caminhava sem destino, movendo seus passos ao acaso; não tinha outra intenção mais que afastar-se das aldeias dos pitiguaras para arrancar a tristeza do coração de Iracema. O cristão sabia por experiência que a viagem acalenta a saudade, porque a alma dorme enquanto o corpo caminha. Agora, sentado na praia, pensava.

Veio Poti.

— O guerreiro branco pensa; o seio do irmão está aberto para receber seu pensamento.

— Teu irmão pensa que este lugar é melhor do que as margens do Jaguaribe para a aldeia dos guerreiros de sua raça. Nestas águas as grandes igaras que vêm de longes terras se esconderiam do vento e do mar; daqui elas iriam ao Mearim destruir os brancos tapuias, aliados dos tabajaras, inimigos de tua nação.

O chefe pitiguara meditou e respondeu:

— Vai buscar teus guerreiros. Poti plantará sua aldeia junto da mairi⁴⁷ de seu irmão.

Aproximava-se Iracema. O cristão com um gesto ordenou silêncio ao chefe pitiguara.

— A voz do esposo se cala, e seus olhos se abaixam quando chega Iracema. Queres tu que ela se afaste?

— Quer teu esposo que chegues mais perto, para que sua voz e seus olhos penetrem mais dentro de tua alma.

A formosa selvagem desfez-se em risos, como se desfaz a flor do fruto que desponta; e foi debruçar-se no ombro do guerreiro.

— Iracema te escuta.

⁴⁶ Ave comum no Brasil.

⁴⁷ Cidade.

— Estes campos são alegres, e ainda mais serão quando Iracema neles habitar. Que diz teu coração?

— O coração da esposa está sempre alegre junto de seu guerreiro e senhor.

Seguindo pela margem do rio, o cristão escolheu o lugar para levantar a cabana. Poti cortou pedaços dos troncos da carnaúba; a filha de Araquém ligava os leques da palmeira para vestir o teto e as paredes; Martim cavou a terra e fabricou a porta das ripas da madeira.

Quando veio a noite, os dois esposos armaram a rede em sua nova cabana; e o amigo no alpendre que olhava para o nascente.

Capítulo XXII

Poti saudou o amigo e falou assim:

— Antes que o pai de Jacaúna e Poti, o valente guerreiro Jatobá, mandasse sobre todos os guerreiros pitiguaras, o grande tacape da nação estava na mão de Batuireté, o maior chefe, pai de Jatobá. Foi ele que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar e expulsou os tabajaras para dentro das terras, marcando a cada tribo seu lagar⁴⁸; depois entrou pelo sertão até a serra que tomou seu nome. Quando suas estrelas eram muitas e tantas que seu camucim já não cabia as castanhas que marcavam o número, o corpo vergou para a terra, o braço endureceu como o galho do ubiratã que não verga; a luz dos olhos escureceu.

Chamou então o guerreiro Jatobá e disse:

— Filho, toma o tacape da nação pitiguara. Tupã não quer que Batuireté o leve mais à guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz de seus olhos. Mas Tupã foi bom para ele, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.

⁴⁸ Oficina com os aparelhos adequados para espremer certo frutos.

Iracema

“Jatobá empenhou o tacape dos pitiguaras. Batuireté tomou o cajado de sua velhice e caminhou. Foi atravessando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as águas que vêm das bandas da noite. Quando o velho guerreiro arrastava o passo pelas margens, e a sombra de seus olhos não lhe deixava que visse mais os frutos nas árvores ou os pássaros no ar, ele dizia em sua tristeza: —‘Ah! Meus tempos passados!’.”

“A gente que o ouvia chorava a ruína do grande chefe; e desde então, passando por aqueles lugares, repetia suas palavras; donde veio chamar-se o rio e os campos Quixeramobim. Batuireté veio pelo caminho das garças até aquela serra que tu vês longe e onde primeiro habitou. Lá no cimo, o velho guerreiro fez seu ninho alto como o gavião, para encher o resto de seus dias conversando com Tupã. Seu filho já dorme embaixo da terra, e ele ainda na outra lua cismava na porta de sua cabana, esperando a noite que traz o grande sono. Todos os chefes pitiguaras, quando acordam à voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine a vencer, porque nenhum outro guerreiro jamais soube combater como ele. Assim as tribos não o chamam mais pelo nome, senão o grande sabedor da guerra, Maranguab.”

“O chefe Poti vai à serra ver seu grande avô; mas antes que o dia morra, ele estará de volta na cabana de seu irmão. Tens tu outra vontade?”

— O guerreiro branco te acompanha para abraçar o grande chefe dos pitiguaras, avô de seu irmão, e dizer ao ancião que ele renasceu no filho de seu filho.

Martim chamou Iracema; e partiram ambos guiados pelo pitiguara para a serra do Maranguab, que se levantava no horizonte. Foram seguindo o curso do rio até onde nele entrava o Ribeiro de Pirapora.

A cabana do velho guerreiro estava junto das formosas cascatas, onde salta o peixe no meio dos borbotões de espuma. As águas ali são frescas e macias, como a brisa do mar, que passa entre as palmas dos coqueiros, nas horas da calma.

Batuireté estava sentado sobre uma das lapas da cascata; o sol ardente caía sobre sua cabeça, nua de cabelos e cheia de rugas como o jenipapo. Assim dorme o jaburu na borda do lago.

— Poti é chegado à cabana do grande Maranguab, pai de

Jatobá, e trouxe seu irmão branco para ver o maior guerreiro das nações.

O velho abriu um pouco as pesadas pálpebras e passou do neto ao estrangeiro um olhar sem brilho.

Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:

— Tupã quis que estes olhos vissem, antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja.

O abaeté derrubou a fronte aos peitos e não falou mais, nem mais se moveu. Poti e Martim julgaram que ele dormia e se afastaram com respeito para não perturbar o repouso de quem tanto trabalhara na longa vida. Iracema, que se banhava na próxima cachoeira, veio ao encontro deles, trazendo na folha da taioba favos de mel puríssimo.

Percorreram os amigos as floridas encostas até que as sombras da montanha se estenderam pelo vale. Tornaram então ao lugar onde tinham deixado o Maranguab.

O velho ainda lá estava na mesma atitude, com a cabeça derrubada ao peito e os joelhos encostados à frente. As formigas subiam pelo seu corpo; e os periquitos voavam em torno e pousavam na sua calva.

Poti pôs a mão no crânio do ancião e conheceu que era finado; o guerreiro morrera de velhice. Então o chefe pitiguara entoou o canto da morte e foi à cabana buscar o camucim, que transbordava com as castanhas do caju. Martim contou cinco vezes cinco mãos.

Entretanto Iracema colhia nas florestas a andiroba, para ungir o corpo do velho que a mão piedosa do neto enterrou no camucim. O vaso fúnebre ficou suspenso ao teto da cabana.

Depois que plantou urtiga à porta, para defender contra os animais a oca abandonada, Poti despediu-se triste daqueles sítios e tornou com seus companheiros à borda do mar.

A serra onde a cabana estava outrora tomou o nome de Maranguape; assim chamada porque aí repousa o sabedor da guerra.



Capítulo XXIII

Quatro luas tinham alumiado o céu depois que Iracema deixara os campos do Ipu; e três depois que ela habitava nas praias do mar a cabana de seu esposo.

A alegria morava em sua alma. A filha dos sertões era feliz, como a andorinha que abandona o ninho de seus pais e peregrina para fabricar novo ninho no país onde começa a estação das flores. Também Iracema achara ali nas praias do mar um ninho do amor, nova pátria para seu coração.

Como o colibri borboleteando entre as flores da acácia, ela percorria as amenas campinas. A luz da manhã já a encontrava suspensa ao ombro do esposo e sorrindo, como a planta que entrelaça o tronco robusto e todas as manhãs o coroa de nova grinalda.

Martim partia para a caça com Poti. A virgem separava-se dele então, para sentir ainda mais ardente o desejo de vê-lo.

Perto havia uma formosa lagoa no meio de verde campina. Para lá dirigia a selvagem o ligeiro passo. Era a hora do banho da manhã; atirava-se à água e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanãs.

Os guerreiros pitiguaras, que apareciam por aquelas paragens, chamavam essa lagoa Porangaba, ou lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã. E desde esse tempo as mães vinham de longe mergulhar suas filhas nas águas da Porangaba, que tinha a virtude de dar formosura às virgens e fazê-las amadas pelos guerreiros.

Depois do banho, Iracema ia até a base da serra do Maranguab, onde nascia o ribeiro das marrecas, o Jereraú. Ali cresciam na frescura e na sombra as frutas mais saborosas de todo o país; delas a virgem se abastecia e esperava, embalando-se nas ramas do maracujá, que Martim tornasse da caça.

Outras vezes não era o Jereraú que a levava sua vontade, mas do oposto lado, a Sapiranga, cujas águas inflamavam os olhos, como diziam os pajés. Cerca daí havia um bosque frondoso de muritis, que formavam no meio do tabuleiro uma grande ilha de formosas palmeiras.

Iracema

Iracema gostava do Muritiapuá, onde o vento suspirava docemente; ali ela tirava a polpa do vermelho coco, para fabricar a bebida refrescante, adoçada com o mel da abelha, e enchia a igaçaba, destinada a estancar a sede dos guerreiros durante a maior calma do dia.

Uma manhã Poti guiou Martim à caça. Caminharam para uma serra, que se levanta ao lado da outra do Maranguab, sua irmã. O alto cimo se curva à semelhança do bico da arara; pelo que os guerreiros a chamaram Aratanha. Eles subiram pela encosta da Guaiúba, por onde as águas descem para o vale, e foram até o córrego habitado pelas pacas.

Só havia sol no bico da arara, quando os caçadores desceram de Pacatuba ao canteiro. De longe viram Iracema, que viera esperá-los à margem de sua lagoa da Porangaba. Caminhava para eles com o passo altivo da garça que passeia à beira d'água; por cima da veste trazia uma cintura das flores da mandioca, que era o símbolo da fecundidade. Colar das mesmas envolvia seu colo e enfeitava os seios duros palpitantes.

Pegou a mão do esposo e a colocou na cintura:

— Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe de teu filho.

— Filho, dizes tu?, exclamou de alegria o cristão.

Ajoelhou ali e envolveu-a com os braços, beijou o seio fecundo da esposa.

Quando ele ergueu-se, Poti falou:

— A felicidade do jovem é a esposa e o amigo; a primeira dá alegria, o segundo dá força. O guerreiro sem a esposa é como a árvore sem folhas nem flores: nunca ela verá o fruto. O guerreiro sem amigo é como a árvore solitária que o vento açoita no meio do campo: o fruto dela nunca amadurece. A felicidade do homem é a prole, que nasce dele e faz seu orgulho; cada guerreiro que sai de suas veias é mais um galho que leva seu nome às nuvens, como a ponta mais alta do cedro. Amado de Tupã é o guerreiro que tem uma esposa, um amigo e muitos filhos; ele nada mais deseja senão a morte gloriosa.

Martim uniu o peito ao peito de Poti:

— O coração do esposo e do amigo falou por tua boca. O guerreiro branco é feliz, chefe dos pitiguaras, senhores das praias do mar; a felicidade nasceu para ele na terra das palmeiras, onde se espalha a baunilha; e foi gerada no sangue de tua

raça, que tem no rosto a cor do sol. O guerreiro branco não quer mais outra pátria, senão a pátria de seu filho e de seu coração.

Ao romper d'alva, Poti partiu para colher as sementes de crajuru, que dão a bela tinta vermelha, e a casca do angico, de onde se extrai a cor negra mais lustrosa. De caminho sua flecha certa abateu o pato selvagem que plainava nos ares. O guerreiro arrancou das asas as longas penas e, subindo ao Mocaripe, rugiu a trombeta. A ventania que vinha do mar levou longe, bem longe, o rouco som. O búzio dos pescadores do Trairi e a trombeta dos caçadores do Soipé responderam.

Martim banhou-se n'água do rio e passeou na praia para secar o corpo ao vento e ao sol. Ao seu lado ia Iracema e apanhava o âmbar amarelo, que o mar lançava. Todas as noites a esposa perfumava seu corpo e a alva rede, para que o amor do guerreiro se deleitasse nela.

Voltou Poti.

Capítulo XXIV

Foi costume da raça, filha de Tupã, que o guerreiro trouxesse no corpo as cores de sua nação. Traçavam no começo negras riscas sobre o corpo, à semelhança do **pelo** do quati de onde procedeu o nome dessa arte da pintura guerreira. Depois variaram as cores, e muitos guerreiros costumaram escrever os emblemas de seus feitos.

O estrangeiro, tendo adotado a pátria da esposa e do amigo, devia passar por aquela cerimônia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã. Nessa intenção fora Poti se prover dos objetos necessários.

Iracema preparou as tintas. O chefe, embebendo as ramas da pluma, traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos, que

Iracema

ornavam a grande nação pitiguara. Depois pintou na frente uma flecha e disse:

— Assim como a seta traspassa o duro tronco, assim o olhar do guerreiro penetra n'alma dos povos.

No braço pintou um gavião:

— Assim como o gavião cai das nuvens, assim cai o braço do guerreiro sobre o inimigo.

No pé esquerdo pintou a raiz do coqueiro:

— Assim como a pequena raiz agarra na terra o alto coqueiro, o pé firme do guerreiro sustenta seu corpo robusto.

No pé direito pintou uma asa:

— Assim como a asa do majoi rompe os ares, o pé veloz do guerreiro não tem igual na corrida.

Iracema tomou a rama da pena e pintou uma abelha sobre folha de árvore; sua voz ressoou entre sorrisos:

— Assim como a abelha fabrica o mel no coração negro do jacarandá, a doçura está no peito do mais valente guerreiro.

Martim abriu os braços e os lábios para receber corpo e alma da esposa.

— Meu irmão é um grande guerreiro da nação pitiguara; ele precisa de um nome na língua de sua nação.

— O nome de teu irmão está em seu corpo, onde o pôs tua mão.

— Coatiabo!, exclamou Iracema.

— Tu disseste; eu sou o guerreiro pintado; o guerreiro da esposa e do amigo.

Poti deu a seu irmão o arco e o tacape, que são as armas nobres do guerreiro. Iracema havia tecido para ele o cocar e a **araçóia**⁴⁹, matos dos chefes ilustres.

A filha de Araquém foi buscar à cabana as iguarias do festim e os vinhos de jenipapo e mandioca. Os guerreiros beberam bastante e dançaram alegres. Enquanto davam voltas em torno dos fogos da alegria, ressoavam as canções.

Poti cantava:

— Como a cobra que tem duas cabeças em um só corpo, assim é a amizade do Coatiabo e Poti.

Disse Iracema:

— Como a ostra que não deixa o rochedo, ainda depois de morta, assim é Iracema junto a seu esposo.

⁴⁹ Vestimenta indígena.

Os guerreiros disseram:

— Como o jatobá na floresta, assim é o guerreiro Coatiabo entre o irmão e a esposa: seus ramos abraçam os ramos do ubiratã, e sua sombra protege a erva humilde.

Os fogos da alegria arderam até que veio a manhã; e com eles durou o festim dos guerreiros.

Capítulo XXV

A alegria ainda morou na cabana todo o tempo que as espigas de milho levaram a amarelecer.

Uma alvorada, caminhava o cristão pela borda do mar. Sua alma estava cansada.

O colibri sacia-se de mel e perfume; depois adormece em seu branco ninho de folhagem, até que volta no outro ano a lua das flores. Como o colibri, a alma do guerreiro também **satura-se** de felicidade e precisa de sono e repouso.

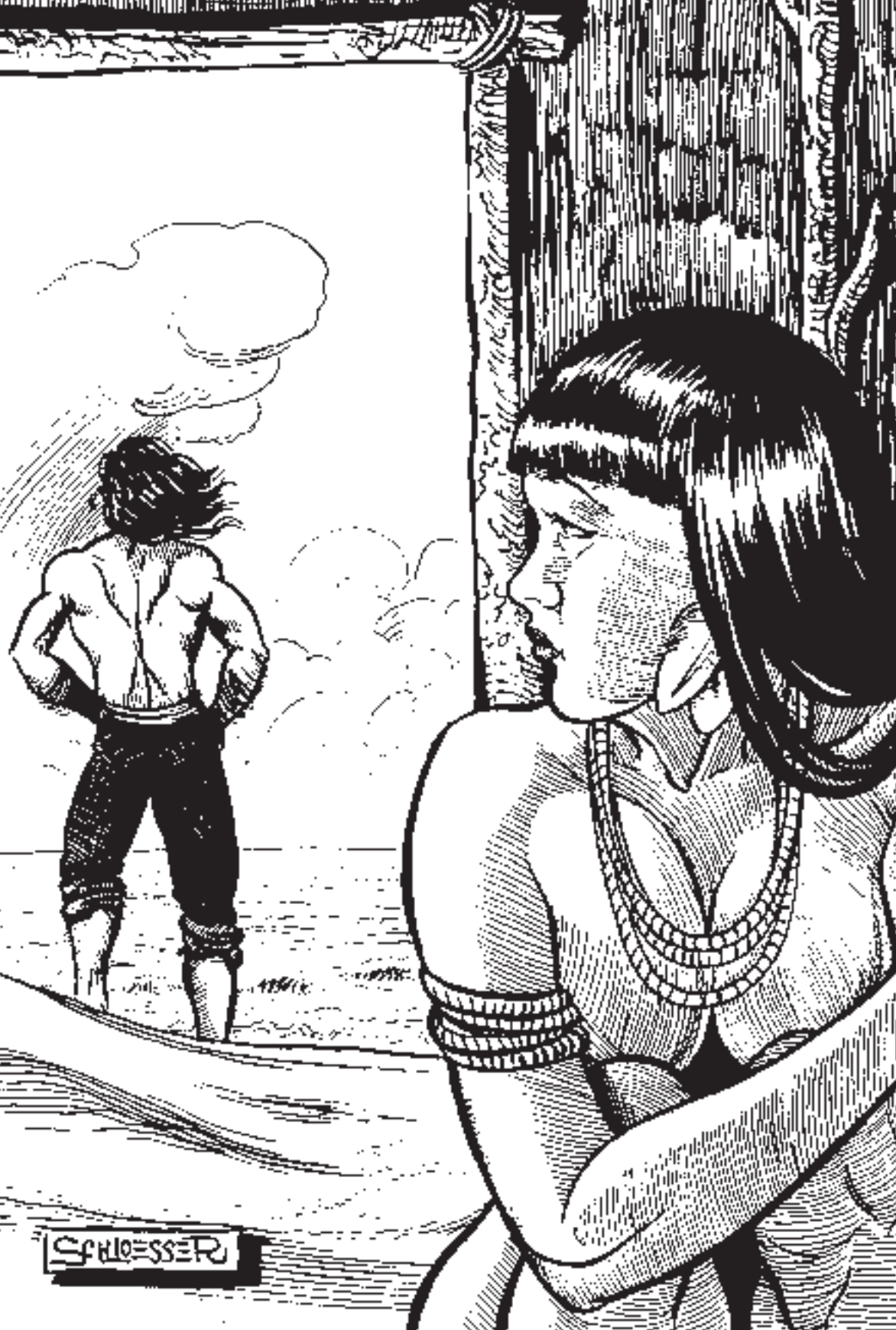
A caça e as excursões pelas montanhas em companhia do amigo, as carícias da terna esposa que o esperavam na volta e o doce alpendre da cabana já não acordavam nele as emoções de outrora. Seu coração cochilava.

Quando Iracema brincava pela praia, os olhos do guerreiro retiravam-se dela para se estenderem pela imensidade dos mares.

Viram umas asas brancas, que batiam pelos campos azuis. Conheceu o cristão que era uma grande canoa de muitas velas, como construía seus irmãos; e a saudade da pátria apertou no seu seio.

Alto ia o sol; e o guerreiro na praia seguia com os olhos as asas brancas que fugiam.

Em vão a esposa o chamou à cabana, em vão ofereceu a



SCHLOSSER

seus olhos as graças dela e os frutos melhores do campo. Não se moveu o guerreiro senão quando a vela sumiu-se no horizonte.

Poti voltou da serra, onde pela primeira vez fora só. Tinha deixado a calma na frente de seu irmão e achava ali a tristeza. Martim saiu ao seu encontro:

— A canoa grande do branco tapuia passou no mar. Os olhos de teu irmão a viram, que voava para as margens do Mearim, aliados dos tupinambás, inimigo de tua e minha raça.

— Poti é senhor de mil arcos; se é teu desejo ele te acompanhará com seus guerreiros às margens do Mearim para vencer o tapuitinga e seu amigo, o desleal tupinambá.

— Quando for tempo, teu irmão te dirá.

Os guerreiros entraram na cabana, onde estava Iracema. A agradável canção nesse dia tinha emudecido nos lábios da esposa. Ela tecia suspirando a franja da rede materna, mais larga e espessa que a rede das núpcias.

Poti, que a viu tão ocupada, falou:

— Quando a sabiá canta, é o tempo do amor; quando emudece, fabrica o ninho para sua prole; é o tempo do trabalho.

— Meu irmão fala como a rã quando anuncia a chuva; mas a sabiá que faz seu ninho não sabe se dormirá nele.

A voz de Iracema gemia. Seu olhar buscou o esposo. Martim pensava; as palavras de Iracema passaram por ele, como a brisa pela face lisa da rocha, sem eco nem rumores.

O sol brilhava sempre sobre as praias do mar, e as areias refletiam os raios ardentes; mas nem a luz que vinha do céu, nem a luz que refletia da terra espantaram a sombra n'alma do cristão.

Cada vez o crepúsculo era maior em sua frente.

Chegou das margens do rio das garças um guerreiro piti-guara, mandado por Jacaúna a seu irmão Poti. Ele veio seguindo o rasto dos viajantes até o Trairi, onde os pescadores o guiaram à cabana.

Poti estava só no alpendre; ergueu-se e abaixou a fronte para escutar com respeito e seriedade as palavras que seu irmão lhe mandava pela boca do mensageiro:

— O tapuitinga, que estava no Mearim, veio pelas matas até o princípio da Ibiapaba, onde fez aliança com Irapuã, para combater a nação pitiguara. Eles vão descer da serra às margens do rio em que bebem as garças e onde tu levantaste a aldeia de

Iracema

teus guerreiros. Jacaúna te chama para defender os campos de nossos pais; teu povo precisa de seu maior guerreiro.

— Volta às margens do Acaracu, e teu pé não descansa enquanto não pisar o chão da cabana de Jacaúna. Quando aí estiveres, dize ao grande chefe: “Teu irmão é chegado à aldeia de seus guerreiros”. E tu não mentirás.

O mensageiro partiu.

Poti vestiu suas armas e caminhou para a várzea, guiado pelo passo de Coatiabo. Ele o encontrou muito além, vagando entre os canaviais que bordam as margens de Aquiraz.

— O branco tapuia está na Ibiapaba para ajudar os tabajaras a combater contra Jacaúna. Teu irmão corre para defender a terra de seus filhos e a aldeia onde dorme o camucim de seu pai. Ele saberá vencer depressa para voltar à tua presença.

— Teu irmão parte contigo. Nada separa dois guerreiros amigos quando troa a trombeta da guerra.

— Tu és grande como o mar e bom como o céu.

Abraçaram-se e partiram com o rosto para as bandas do nascente.

Capítulo XXVI

Caminhando, caminhando, chegaram os guerreiros à margem de um lago, que havia nos campos.

O cristão parou de repente e voltou o rosto para as bandas do mar; a tristeza saiu de seu coração e subiu à frente.

— Meu irmão, disse o chefe, teu pé criou raiz na terra do amor; fica. Poti voltará breve.

— Teu irmão te acompanha, ele disse; e sua palavra é como a seta de teu arco: quando soa, é chegada.

— Queres tu que Iracema te acompanhe às margens do Acaracu?

— Nós vamos combater seus irmãos. A taba dos pitiguaras não terá para ela mais que tristeza e dor. A filha dos tabajaras deve ficar.

— Que esperas então?

— Teu irmão se aflige porque a filha dos tabajaras pode ficar triste e abandonar a cabana, sem esperar por sua volta. Antes de partir ele queria sossegar o espírito da esposa.

Poti refletiu:

— As lágrimas da mulher amolecem o coração do guerreiro, como o orvalho da manhã amolece a terra.

— Meu irmão é um grande sabedor. O esposo deve partir sem ver Iracema.

O cristão avançou, Poti mandou que esperasse; da bolsa de setas que Iracema emplumara de penas vermelhas e pretas e suspendera aos ombros do esposo, tirou uma.

O chefe pitiguara vibrou o arco; a seta rápida atravessou um guaiamum que corria pelas margens do lago; só parou onde a pluma não a deixou mais entrar.

Fincou o guerreiro no chão a flecha, com a presa atravessada, e tornou para Coatiabo:

— Podes partir. Iracema seguirá teu rasto; chegando aqui, verá tua seta e obedecerá à tua vontade.

Martim sorriu; e, quebrando um ramo do maracujá, a flor da lembrança, o entrelaçou na haste da seta e partiu enfim, seguido por Poti.

Breve desapareceram os dois guerreiros entre as árvores. O calor do sol já tinha secado seus passos na beira do lago. Iracema inquieta veio pela várzea, seguindo o rasto do esposo. As sombras doces vestiam os campos quando ela chegou à beira do lago.

Seus olhos viram a seta do esposo fincada no chão, o guaiamum trespassado, o ramo partido, e encheram-se de pranto.

— Ele manda que Iracema ande para trás, como o guaiamum, e guarde sua lembrança, como o maracujá guarda sua flor todo o tempo até morrer.

A filha dos tabajaras retraiu os passos lentamente, sem voltar o corpo, nem tirar os olhos da seta de seu esposo; depois tornou à cabana. Aí sentada à soleira, com a frente nos joelhos, esperou, até que o sono acalentou a dor em seu peito.

Iracema

Apenas rompeu o dia, ela moveu o passo rápido para a lagoa e chegou à margem. A flecha lá estava como na véspera; o esposo não tinha voltado.

Desde então à hora do banho, em vez de buscar a lagoa da beleza, onde outrora tanto gostara de nadar, caminhava para aquela, que vira seu esposo abandoná-la. Sentava-se junto à flecha, até que descia a noite; então recolhia à cabana.

Tão rápida partia de manhã, como lenta voltava à tarde. Os mesmos guerreiros que a tinham visto alegre nas águas da Porangaba, agora, encontrando-a triste e só, como a garça viúva, na margem do rio, chamavam aquele sítio da Mecejana, que significa *a abandonada*.

Uma vez que a formosa filha de Araquém se lamentava à beira da lagoa da Mecejana, uma voz estridente gritou seu nome do alto da carnaúba:

— Iracema! Iracema!...

Ergueu ela os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda jandaia, que batia as asas e arrepiava as penas com o prazer de vê-la.

A lembrança da pátria, apagada pelo amor, ressurgiu em seu pensamento. Viu os formosos campos do Ipu, as encostas da serra onde nascera, a cabana de Araquém, e teve saudades; mas, naquele instante, ainda não se arrependeu de os ter abandonado.

Seu lábio gazeou um canto. A jandaia, abrindo as asas, esvoaçou em torno dela e pousou no ombro. Alongando carinhosa o colo, com o negro bico alisou-lhe os cabelos e beliscou a boca mimosa e vermelha como a pitanga.

Iracema lembrou-se que tinha sido ingrata para a jandaia, esquecendo-a no tempo da felicidade; mas a jandaia vinha para a consolar agora no tempo da desgraça.

Essa tarde não voltou só à cabana. Durante o dia seus dedos ágeis teceram o formoso cesto de palha, que forrou da penugem macia da monguba⁵⁰, para agasalhar sua companheira e amiga.

Na seguinte alvorada foi a voz da jandaia que a despertou. A linda ave não deixou mais sua senhora; ou porque depois da longa ausência não se cansasse de vê-la, ou porque adivinhasse que ela tinha necessidade de alguém que a acompanhasse em sua triste solidão.

⁵⁰ Espécie de planta.

Capítulo XXVII

Uma tarde Iracema viu de longe dois guerreiros que avançavam pelas praias do mar. Seu coração palpitou mais apressado.

Instante depois ela esquecia nos braços do esposo tantos dias de saudade e abandono que passara na solitária cabana.

Martim e seu irmão haviam chegado à taba de Jacaúna, quando soava a inúbia; eles guiaram ao combate os mil arcos de Poti. Ainda dessa vez os tabajaras, apesar da aliança dos brancos tapuias do Mearim, foram vencidos pelos valentes pitiguaras.

Nunca tão disputada vitória e tão sangrenta luta se combateu nos campos que regam o Acaracu e o Camucim; o valor era igual de parte a parte, e nenhum dos dois povos fora vencido, se o deus da guerra, o terrível Aresqui, não tivesse decidido dar estas regiões à raça do guerreiro branco, aliada dos pitiguaras.

Logo após a vitória o cristão tornara às praias do mar, onde havia construído sua cabana e onde o esperava a terna esposa. De novo sentiu em sua alma a sede do amor; e tremia de pensar que Iracema houvesse partido, deixando ermo aquele sítio tão povoado outrora pela felicidade.

Como a seca várzea, com a vinda do inverno, torna-se verde novamente e se colore de flores, a formosa filha do sertão, com a volta do esposo, reanimou-se; e sua beleza enfeitou-se de meigos e ternos sorrisos.

Outra vez sua graça encheu os olhos do cristão, e a alegria voltou a habitar em sua alma.

O cristão amou a filha do sertão, como nos primeiros dias, quando parece que o tempo nunca poderá deter o coração. Mas breves sóis bastaram para murchar aquelas flores de uma alma exilada da pátria.

O umbu, filho da serra, se nasce na várzea porque o vento

Iracema

ou as aves trouxeram a semente, vinga, achando boa terra e fresca sombra; talvez um dia torne frondosa a verde folhagem e enfore. Mas basta um sopro do mar para tudo murchar. As folhas se espalham pelo chão; as flores, leva-as a brisa.

Como o umbu na várzea, era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharam e fortaleceram durante algum tempo, mas agora, longe de sua casa e de seus irmãos, sentia-se no ermo. O amigo e a esposa não bastavam mais à sua existência, cheia de grandes desejos e nobres ambições.

Passava os já tão breves, agora longos, sóis na praia, ouvindo gemer o vento e soluçar as ondas. Com os olhos mergulhados na imensidade do horizonte, buscava, mas em vão, descobrir no azul límpido a alvura de uma vela perdida nos mares.

Distante da cabana, se elevava à borda do oceano um alto morro de areia; pela semelhança com a cabeça do crocodilo o chamavam os pescadores Jacarecanga. Do seio das brancas areias escaldadas pelo ardente sol, fluía uma água fresca e pura; assim destila a alma do seio da dor lágrimas doces de alívio e consolo.

A esse monte subia o cristão; e lá ficava cismando em seu destino. Às vezes vinha à sua mente a **ideia** de tornar à sua terra e aos seus; mas ele sabia que Iracema o acompanharia; e essa lembrança remordeu seu coração. Cada passo mais que a filha dos tabajaras afastasse dos campos nativos, agora que ela não tinha o ninho de seu coração para abrigar-se, era uma porção da vida que lhe roubava.

Poti sabe que Martim deseja estar só e afasta-se discreto. O guerreiro sabe o que aflige a alma do seu irmão; e tudo espera do tempo, porque só o tempo endurece o coração do guerreiro, como o cerne do jacarandá.

Iracema também foge dos olhos do esposo, porque já percebeu que esses olhos tão amados se turbam com a vista dela e, em vez de se encherem de sua beleza como outrora, a afastam de si. Mas os olhos dela não se cansam de acompanhar à parte e de longe o guerreiro senhor, que os fez prisioneiros.

Ai da esposa!... Sentiu já o golpe no coração e, como a co-paíba⁵¹ ferida no âmago, destila as lágrimas em fio.

⁵¹ Árvore nativa do Brasil que, quando cortada, derrama óleo medicinal.



Capítulo XXVIII

Uma vez o cristão ouviu dentro em sua alma o soluço de Iracema; seus olhos buscaram em torno e não a viram.

A filha de Araquém estava além, entre as verdes moitas de ubaia, sentada na grama. O pranto desfiava de seu belo semblante; e as gotas que rolavam uma a uma caíam sobre o colo, onde já palpitava e crescia o filho do amor. Assim caem as folhas da árvore viçosa antes que amadureça o fruto.

— O que espreme as lágrimas do coração de Iracema?

— Chora o cajueiro quando fica tronco seco e triste. Iracema perdeu sua felicidade, depois que te separaste dela.

— Não estou eu junto de ti?

— Teu corpo está aqui; mas tua alma voa à terra de teus pais e busca a virgem branca, que te espera.

Martim doeu-se. Os grandes olhos negros que a indiana pousara nele o tinham ferido no íntimo.

— O guerreiro branco é teu esposo; ele te pertence.

Sorriu em sua tristeza a formosa tabajara:

— Quanto tempo há que retiraste de Iracema teu espírito? Dantes, teu passo te guiava para as frescas serras e alegres campos; teu pé gostava de pisar a terra da felicidade e seguir o rasto da esposa. Agora só buscas as praias ardentes, porque o mar que lá murmura vem dos campos em que nasceste; e o morro das areias, porque do alto se avista a canoa que passa.

— É a ânsia de combater o tupinambá que volve o passo do guerreiro para as bordas do mar, respondeu o cristão.

Iracema continuou:

— Teu lábio secou para a esposa; assim a cana, quando ardem os grandes sóis, perde o mel, e as folhas murchas não podem mais cantar quando passa a brisa. Agora só falas ao

vento da praia para que ele leve tua voz à cabana de teus pais.

— A voz do guerreiro branco chama seus irmãos para defender a cabana de Iracema e a terra de seu filho, quando o inimigo vier.

A esposa balançou a cabeça:

— Quando tu passas no campo, teus olhos fogem do fruto do jenipapo e buscam a flor do espinheiro; a fruta é saborosa, mas tem a cor dos tabajaras; a flor tem a alvura das faces da virgem branca. Se cantam as aves, teu ouvido não gosta já de escutar o canto agradável da graúna, mas tua alma se abre para o grito do japim, porque ele tem as penas douradas como os cabelos daquela que tu amas!

— A tristeza escurece a vista de Iracema e amarga seu lábio. Mas a alegria há de voltar à alma da esposa, como volta à árvore a verde rama.

— Quando teu filho deixar o seio de Iracema, ela morrerá, como o milho depois que deu seu fruto. Então o guerreiro branco não terá mais quem o prenda na terra estrangeira.

— Tua voz queima, filha de Araquém, como o sopro que vem dos sertões do Icó, no tempo dos grandes calores. Queres tu abandonar teu esposo?

— Não **veem** teus olhos lá o formoso jacarandá, que vai subindo às nuvens? A seus pés ainda está a seca raiz do arbusto frondoso, que todos os invernos se cobria de rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão. Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto. Iracema é a folha escura que faz sombra em tua alma; deve cair, para que a alegria ilumine teu seio.

O cristão abraçou o corpo da formosa índia e a encostou ao peito. Seu lábio pousou ao lábio da esposa um beijo, mas áspero e morno.

Capítulo XXIX

Poti voltou do banho.

Segue na areia o rasto de Coatiabo e sobe ao alto da Jacarecanga. Aí encontra o guerreiro em pé no alto do monte, com os olhos alongados e os braços estendidos para os largos mares. Vira o pitiguara as vistas e descobre uma grande canoa, que vem atravessando os verdes mares, empurrada pelo vento:

— É a grande canoa dos irmãos de meu irmão que vem buscá-lo?

O cristão suspirou:

— São os guerreiros brancos inimigos de minha raça, que buscam as praias da valente nação pitiguara, para a guerra da vingança; eles foram derrotados com os tabajaras nas margens do Camucim; agora vêm com os seus amigos, os tupinambás, pelo caminho do mar.

— Meu irmão é um grande chefe. Que pensa ele que deve fazer seu irmão Poti?

— Chama os caçadores de Soipé e os pescadores do Trairi. Nós iremos a seu encontro.

Poti acordou a voz da trombeta; e os dois guerreiros partiram ambos para o Mocaripe. Pouco além viram os guerreiros de Jaguarauçu e Camoropim, que corriam ao grito de guerra. O irmão de Jacaúna os avisou da vinda do inimigo.

A grande canoa corre nas ondas, ao longo da terra que se dilata até as margens do Parnaíba. A lua começava a crescer quando ela deixou as águas do Mearim; ventos contrários a tinham arrastado para os altos mares, muito além de seu destino.

Os guerreiros pitiguaras, para não espantarem o inimigo, se ocultam entre os cajueiros; e vão seguindo pela praia a grande canoa; durante o dia **veem**-se as brancas velas; de noite os fogos atravessam a negrura do mar, como vaga-lumes perdidos na mata.

Muitos sóis caminharam assim. Passam além do Camucim e afinal pisam as lindas ribeiras da enseada dos papagaios.

Poti manda um guerreiro ao grande Jacaúna e se prepara para o combate. Martim, que subiu ao morro de areia, sabe que

o grande barco vem abrigar-se no seio do mar; e avisa seu irmão.

O sol já nasceu; os guerreiros guaraciabas e os tupinambás, seus amigos, correm sobre as ondas nas ligeiras embarcações e saltam na praia. Já formam o grande arco e avançam como o cardume do peixe quando corta a correnteza do rio.

No centro estão os guerreiros do fogo, que trazem o raio; nas asas os guerreiros do Mearim, que empunham o tacape.

Mas nação alguma jamais vibrou o arco certo como a grande nação pitiguara; e Poti é o maior chefe, de quantos chefes empunharam a trombeta guerreira. A seu lado caminha o irmão, tão grande chefe como ele e sabedor das manhas da raça branca dos cabelos do sol.

Durante a noite os pitiguaras fincam na praia a forte proteção de espinho e levantam contra ela um muro de areia, onde o rio esfria e se apaga. Aí esperam o inimigo. Martim manda que outros guerreiros subam à copa dos mais altos coqueiros; ali defendidos pelas largas palmas, esperam o momento do combate.

A seta de Poti foi a primeira que partiu, e o chefe dos guaraciabas o primeiro herói que mordeu o pó da terra estrangeira. Rugem os trovões na mão dos guerreiros brancos; mas os raios que desferem mergulham-se na areia ou se perdem nos ares.

As setas dos pitiguaras já caem do céu, já voam da terra, e mergulham todas no seio do inimigo. Cada guerreiro tomba crivado de muitas flechas, como a presa que as piranhas disputam nas águas do lago.

Os inimigos embarcam outra vez e voltam ao maracatim em busca dos grandes e pesados trovões, que um homem só, nem dois, podem manejar.

Quando voltam, o chefe dos pescadores, que corre nas águas do mar como o veloz camoropim, de que tomou o nome, se lança nas ondas e mergulha. Ainda a espuma não se apagara e já a embarcação inimiga se afundou, parecendo que a tragara uma baleia.

Veio a noite, que trouxe o repouso.

Ao romper d'alva, o maracatim fugia no horizonte para as margens do Mearim. Jacaúna chegou, não mais para o combate e só para o festim da vitória.

Nessa hora em que o canto guerreiro dos pitiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho que o sangue

Iracema

da raça branca gerou nessa terra da liberdade via a luz nos campos da Porangaba.

Capítulo XXX

Iracema, sentindo que seu seio se rompia, buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro.

Abraçou-se com o caule da palmeira. A dor dilacerou suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou sua alma de alegria.

A jovem mãe, orgulhosa de tanta felicidade, tomou o filho nos braços e com ele lançou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o à teta mimosa; seus olhos então o envolviam de tristeza e amor.

— Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento.

A arara, pousada no olho do coqueiro, repetiu Moacir; e desde então a ave amiga unia, em seu canto ao nome da mãe, o nome do filho.

O inocente dormia; Iracema suspirava:

— A abelha fabrica o mel no tronco cheiroso; toda a lua das flores voa de ramo em ramo, colhendo o suco para encher os favos; mas ela não prova sua doçura, porque a irara⁵² devora em uma noite toda a **colmeia**. Tua mãe também, filho de minha angústia, não beberá em teus lábios o mel de teu sorriso.

A jovem mãe passou aos ombros a larga faixa de macio algodão, que fabricara para trazer o filho sempre unido a ela; e seguiu pela areia o rasto do esposo, que há três sóis partira. Ela caminhava docemente para não despertar a criancinha, adormecida como o passarinho sob a asa materna.

Quando chegou junto ao grande morro das areias, viu que

⁵² Mamífero também conhecido como *papa-mel*.

o rasto de Martim e Poti seguia ao longo da praia; e adivinhou que eles eram partidos para a guerra. Seu coração suspirou; mas seus olhos secos buscaram o semblante do filho.

Voltou o rosto para o Mocaripe:

— Tu és o morro da alegria; mas para Iracema não tens senão tristeza.

Tornando, a recente mãe pousou a criança adormecida na rede de seu pai, viúva e solitária em meio da cabana; e **deitou-se** ao chão, na esteira onde repousava, desde que os braços do esposo se não tinham mais aberto para recebê-la.

A luz da manhã entrava pela cabana, e Iracema viu entrar com ela a sombra de um guerreiro.

Caubi estava em pé na porta.

A esposa de Martim ergueu-se de um impulso e saltou avante para proteger o filho. Seu irmão levantou da rede a ela uns olhos tristes e falou com a voz ainda mais triste:

— Não foi a vingança que arrancou o guerreiro Caubi aos campos dos tabajaras; ele já perdoou. Foi a vontade de ver Iracema, que trouxe consigo toda a sua alegria.

— Então bem-vindo seja o guerreiro Caubi na cabana de seu irmão, respondeu a esposa abraçando-o.

— O nascido de teu seio dorme nessa rede; os olhos de Caubi gostariam de vê-lo.

Iracema abriu a franja de penas e mostrou o lindo semblante da criança. Caubi, depois que o contemplou por muito tempo, entre risos, disse:

— Ele chupou tua alma.

E beijou, nos olhos da jovem mãe, a imagem da criança, que não se animava tocar, com medo de ofendê-la.

A voz trêmula da filha ressoou:

— Ainda vive Araquém sobre a terra?

— Pena ainda; depois que tu o deixaste, sua cabeça vergou para o peito e não se ergueu mais.

— Tu lhe dirás que Iracema já morreu, para que ele se console.

A irmã de Caubi preparou a refeição para o guerreiro e armou no apendice a rede da hospitalidade para que ele repousasse das fadigas da jornada. Quando o viajante satisfez o apetite, ergueu-se com estas palavras:

Iracema

— Diz onde está teu esposo e meu irmão, para que o guerreiro Caubi lhe dê o abraço da amizade.

Os lábios suspirosos da mísera esposa se moveram, como as pétalas do cacto que um sopro amarrota, e ficaram mudos. Mas as lágrimas correram dos olhos e caíram em cachos.

O rosto de Caubi cobriu-se de nuvens:

— Teu irmão pensava que a tristeza ficara nos campos que abandonaste; porque trouxeste contigo todo o riso dos que te amavam!

Iracema enxugou os olhos:

— O esposo de Iracema partiu com o guerreiro Poti para as praias do Acaracu. Antes que três sóis tenham iluminado a terra ele voltará, e com ele a alegria à alma da esposa.

— O guerreiro Caubi o espera para saber o que ele fez do sorriso que morava em teus lábios.

A voz do tabajara enrouquecera; seu passo inquieto circunloou a esmo pela cabana.

Capítulo XXXI

Iracema cantava docemente, embalando a rede para acalentar o filho.

A areia da praia crepitou sob o pé forte e rijo do guerreiro tabajara, que vinha das bordas do mar depois da abundante pesca.

A jovem mãe cruzou as franjas da rede, para que as moscas não inquietassem o filho acalentado, e foi ao encontro do irmão:

— Caubi vai tornar às montanhas dos tabajaras!, disse ela com brandura.

O guerreiro entristeceu:

— Tu despedes teu irmão da cabana para que ele não veja a tristeza que a enche.

— Araquém teve muitos filhos em sua mocidade; uns a guerra levou e morreram como valentes; outros escolheram uma esposa e geraram por sua vez numerosa prole; filhos de sua velhice, Araquém só teve dois. Iracema é a rola que o caçador tirou do ninho. Só resta o guerreiro Caubi ao velho pajé, para sustentar seu corpo vergado e guiar seu passo trêmulo.

— Caubi partirá quando a sombra deixar o rosto de Iracema.

— Como a estrela que só brilha de noite, vive Iracema em sua tristeza. Só os olhos do esposo podem apagar a sombra em seu rosto. Parte, para que eles não se entristeçam com tua vista.

— Teu irmão parte para te fazer a vontade; mas ele voltará todas as vezes que o cajueiro florescer, para sentir em seu coração o filho de teu ventre.

Entrou na cabana. Iracema tirou da rede a criança, e ambos, mãe e filho, palpitararam sobre o peito do guerreiro tabajara. Depois, Caubi passou a porta e sumiu-se entre as árvores.

Iracema, arrastando o passo trêmulo, o acompanhou de longe até que o perdeu de vista na orla da mata. Aí parou; quando o grito da jandaia de envolta com o choro infantil a chamou à cabana, a areia fria onde esteve sentada guardou o segredo do pranto que a envolvera.

A jovem mãe suspendeu o filho à teta; mas a boca infantil não emudeceu. O leite escasso não encheu o peito.

O sangue da infeliz diluía-se todo nas lágrimas incessantes que não paravam nos seus olhos; pouco chegava aos seios, onde se forma o primeiro licor da vida.

Ela dissolveu a alva farinha e preparou ao fogo o mingau para nutrir o filho. Quando o sol dourou a crista dos montes, partiu para a mata, levando ao colo a criança adormecida.

Na espessura do bosque estava o leito da irara ausente; os macios cachorrinhos grunhem enrolando-se uns sobre os outros. A formosa tabajara aproxima-se de manso. Prepara para o filho um berço da macia rama do maracujá; e senta-se perto.

Põe no colo um por um os filhos da irara; e deixa a eles os seios mimosos, cuja teta vermelha como a pitanga umedeceu do mel da abelha. Os cachorrinhos famintos sugam os peitos sem leite.

Iracema

Iracema curte dor, como nunca sentiu; parece que tiram sua vida; mas os seios vão inchando; enchem-se, afinal, e o leite, ainda vermelho do sangue de que se formou, esguicha.

A feliz mãe aproxima de si os cachorrinhos e cheia de alegria mata a fome do filho. Ele é agora duas vezes filho de sua dor, nascido dela e também nutrido.

A filha de Araquém sentiu afinal que suas veias secavam; e contudo o lábio amargo de tristeza recusava o alimento que devia restaurar suas forças. O gemido e o suspiro tinham diminuído com o sorriso e o sabor em sua boca formosa.

Capítulo XXXII

Nasce o sol.

Japi sai do mato e corre para a porta da cabana.

Iracema, sentada com o filho no colo, banha-se nos raios do sol e sente o frio arrear seu corpo. Vendo o animal, fiel mensageiro do esposo, a esperança reanima seu coração; quer erguer-se para ir ao encontro de seu guerreiro senhor, mas os membros fracos se recusam à sua vontade.

Caiu desmaiada contra o chão. Japi lambia sua mão fria e pulava travesso para fazer sorrir a criança, soltando uns doces latidos de prazer. Por vezes, afastava-se para correr até a orla da mata chamando o senhor; logo tornava à cabana para festejar a mãe e o filho.

Por esse tempo pisava Martim os campos amarelos do Tauape; seu irmão Poti, o inseparável, caminhava a seu lado.

Oito luas havia que ele deixara as praias de Jacarecanga. Vencidos os guaraciabas, na baía dos papagaios, o guerreiro

cristão quis partir para as margens do Mearim, onde habitava o bárbaro aliado dos tupinambás.

Poti e seus guerreiros o acompanharam. Depois que atravessaram o braço corrente do mar que vem da serra de Tauatinga e banha as várzeas onde se pesca o piau, viram enfim as praias do Mearim, e a velha taba do bárbaro tapuia.

A raça dos cabelos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos tupinambás; crescia o número dos guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande cabana, para afastar o raio.

Quando Martim viu o que desejava, tornou aos campos da Porangaba, que ele agora trilha.

Já ouve o ronco do mar nas praias do Mocaripe; já bafeja seu rosto o sopro vivo das vagas do oceano.

Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de chegar; e sente que sua alma vai sofrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa entrarem nela.

Há muito que a palavra fugiu de seu lábio seco; o amigo respeita este silêncio, que ele bem entende. É o silêncio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios.

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão chamando-os e o grito da arara, que se lamentava.

Estavam bem próximos à cabana, apenas oculta por uma língua de mato. O cristão parou apertando a mão no peito para conter o coração, que saltava como o poraquê⁵³.

— O latido de Japi é de alegria; disse o chefe.

— Porque chegou; mas a voz da jandaia é de tristeza. Achará o guerreiro ausente a paz no seio da esposa solitária; ou terá a saudade matado em suas entranhas o fruto do amor?

O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema, com o filho no colo, e o cão brincando. Seu coração o lançou de um impulso, e a alma estalou nos seus lábios:

— Iracema!...

A triste esposa e mãe abriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pôde erguer o filho nos braços, e **apresentá-lo** ao pai, que o olhava encantado em seu amor.

⁵³ Espécie de peixe que vem à tona retirar o oxigênio do ar.



SALICRESSER

— Recebe o filho de teu sangue. Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar a ele!

Pousando a criança nos braços paternos, a infeliz mãe desmaiou, como a batata-doce, se arrancam dela o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá⁵⁴.

Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, em quem o amor renasceria com a alegria paterna, a cercou de carícias que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida.

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabelos.

O doce lábio emudeceu para sempre; o último brilho despediu-se dos olhos embaçados.

Poti amparou o irmão na grande dor. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desgraça; é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratã, quando o cupim corrói o interior do caule.

O camucim, que recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas perfumadas, foi enterrado ao pé do coqueiro, à borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.

A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente:
— Iracema!

Desde então os guerreiros pitiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam ressoar a voz triste da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro e os campos onde segue o rio.

⁵⁴ Arbusto comum no Brasil.

Capítulo XXXIII

O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora.

O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?

Poti levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio e esperava o irmão que prometera voltar. Todas as manhãs, subia ao morro das areias e voltava os olhos para o mar, para ver se surgia branca ao longe a vela amiga.

Afinal volta Martim de novo às terras, que foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentiu o calor das brancas areias, em seu coração derramou-se um fogo que o queimou; era o fogo das recordações que ardiam como a fásca sob as cinzas.

Só aplacou essa chama quando ele tocou a terra, onde dormia sua esposa; porque nesse instante seu coração transpirou, como o tronco do jataí nos ardentes calores, e orvalhou sua tristeza de muitas lágrimas.

Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.

Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração.

Ele recebeu com o batismo o nome do santo do dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz.

A mairi que Martim erguera à margem do rio, nas praias do Ceará, cresceu. Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem; e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá.

Jacaúna veio habitar nos campos da Porangaba para estar perto de seu amigo branco; Camarão erguera a aldeia de seus guerreiros nas margens da Mecejana.

Tempo depois, quando veio Albuquerque, o grande chefe dos guerreiros brancos, Martim e Camarão partiram para as margens do Mearim para castigar o feroz tupinambá e expulsar o branco tapuia.

Era sempre com emoção que o esposo de Iracema revia as terras onde fora tão feliz e as verdes folhas a cuja sombra dormia a formosa tabajara. Muitas vezes ia se sentar naquelas doces areias, para cismar e aconchegar no peito a dolorosa saudade.

A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro; mas não repetia já o agradável nome de Iracema.

Tudo passa sobre a terra.

Iracema